

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LUANA MAIARA BACKES BARTH

**PAULINA CHIZIANE: NARRATIVAS DE MULHERES EM UMA GUERRA, NA
OBRA “VENTOS DO APOCALIPSE”**

CHAPECÓ

2024

LUANA MAIARA BACKES BARTH

**PAULINA CHIZIANE: NARRATIVAS DE MULHERES EM UMA GUERRA, NA
OBRA “VENTOS DO APOCALIPSE”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Profa. Dra. Renilda Vicenzi

CHAPECÓ

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Barth, Luana Maiara Backes

PAULINA CHIZIANE: NARRATIVAS DE MULHERES EM UMA GUERRA, NA OBRA ?VENTOS DO APOCALIPSE? / Luana Maiara Backes Barth. -- 2024.

60 f.:il.

Orientadora: Doutora Renilda Vicenzi

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó,SC, 2024.

1. Literatura moçambicana; guerra civil de Moçambique; Paulina Chiziane; Interseccionalidade; pensamento decolonial.. I. Vicenzi, Renilda, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LUANA MAIARA BACKES BARTH

PAULINA CHIZIANE: NARRATIVAS DE MULHERES EM UMA GUERRA, NA OBRA “VENTOS DO APOCALIPSE”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 09/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RENILDA VICENZI**
Data: 15/07/2024 13:37:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Renilda Vicenzi – UFFS
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **TATHIANA CRISTINA DA SILVA ANIZIO CASSIANO**
Data: 11/07/2024 09:29:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ms. Tathiana Cristina da Silva Anizio Cassiano – UDESC
Avaliadora

Documento assinado digitalmente
 **DELICIO MARQUETTI**
Data: 15/07/2024 09:47:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Délcio Marquetti – UFFS
Avaliador

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que desejam e trabalham para evidenciar a história através da perspectiva feminista decolonial.

AGRADECIMENTOS

É com o aconchego do gosto de um café recém passado que escrevo nessa manhã do dia nove de junho às últimas palavras desta pesquisa, que ao contrário do que eu imaginava e do que falavam que seria escrever um TCC, esse não me causou estresses, adoecimentos ou qualquer tipo de desespero. Pelo contrário, a pesquisa para construir esse trabalho me proporcionou tanto conhecimento e despertou um apreço pela literatura africana que até então eu desconhecia, me apresentando a um mundo de possibilidades. Mas é claro que isso só foi possível pois contei com minha fé e uma rede de apoio maravilhosa.

Assim, agradeço primeiramente a minha professora Renilda Vicenzi, que concordou em me orientar e em meio a muitos interesses que propus para essa pesquisa, me apresentou o mundo das literaturas africanas escritas por mulheres, me orientando sempre da melhor forma possível. Sem dúvidas isso fez toda a diferença e poder partilhar esses momentos de aprendizagem com você foi muito especial.

Agradeço aos meus pais Heidi e Claudio, que estiveram comigo desde o início da graduação me dando suporte tanto financeiramente quanto psicologicamente, saber que tenho o acolhimento de vocês é reconfortante e me dá força para chegar onde almejo. Meu pai que esteve comigo no dia que saiu o resultado da lista de aprovados na universidade e que vibrou comigo nesses primeiros instantes, minha mãe que me inspira e sempre incentivou meus estudos nunca medindo esforços para isso. Sou imensamente grata por ter vocês.

A Luiza e Rayssa, que tornaram a jornada do mundo acadêmico mais leve com a sua presença nas aulas de cada noite e na amizade dos encontros fora da universidade. A Cássia e a Ana, amigas que mesmo com a distância física se fizeram presente, as horas de conversas por chamada de vídeo, a distração nas férias quando conseguimos nos ver foram fundamentais para o equilíbrio entre as obrigações e o lazer. Agradeço também ao Gabriel que esteve presente durante toda a escrita desta pesquisa, que em muitos momentos me acalmou dos inúmeros pensamentos ansiosos, que discutiu comigo assuntos e autoras utilizadas nessa pesquisa e me incentivou e incentiva cada vez mais a traçar meus objetivos acadêmicos e pessoais, ter a sua presença faz toda diferença.

Agradeço ao meu amigo e colega de trabalho Lucas, que em muitos momentos acolheu as minhas angústias causadas entre ter que dividir o tempo de trabalho com os de estudo e muitas vezes não conseguir dar a atenção que eu realmente queria para o mundo acadêmico, que em muitos momentos veio para Chapecó trabalhar em home office comigo e me trouxe o conforto da minha terra natal. Também nesse meio empresarial não posso deixar

de lembrar da Camila, e agradecer por não expressar dúvidas em me manter na equipe mesmo sabendo que eu não estaria mais presencialmente na empresa e que meus interesses estariam indo para outra área quando decidi me inscrever para cursar História na UFFS, que sempre esteve disposta a flexibilizar meus horários de trabalho para que eu conseguisse da melhor forma possível realizar os estágios da graduação. Você foi uma verdadeira líder.

Por fim, agradeço a instituição de ensino Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Chapecó, o corpo docente do curso de história e a educação pública, gratuita e de qualidade.

A todos vocês, meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

O objetivo da pesquisa é analisar, através de perspectiva histórica com abordagem interseccional, a escrita de Paulina Chiziane em sua obra *Ventos do Apocalipse* - fonte principal desta pesquisa – uma escrevivência que proporciona entendimentos sobre os múltiplos papéis da mulher na sociedade durante a guerra civil de Moçambique. Com base nesse objetivo é colocada a seguinte pergunta: Como a escrevivência de Paulina Chiziane pode contribuir para o protagonismo da mulher moçambicana e para uma perspectiva de libertação do povo moçambicano? Através da análise da fonte literária compreendemos a importância feminina no contexto social da guerra civil de Moçambique (1976 - 1992), guerra vivenciada pela autora Paulina Chiziane que a partir da memória e de relatos nos faz pensar sobre a sociedade moçambicana, colonialismo, mulher negra africana e libertação. Quanto à metodologia aplicada, a pesquisa biográfica é a principal forma de relacionarmos os aspectos que conversam com a narrativa da fonte principal: o feminismo decolonial através de (Vergès, 2020) os conceitos e estudos interseccionais abordado por Patricia Hill Collins (2020), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2017), bell hooks (2015) e a questão da violência a partir de Frantz Fanon (2022). Espera-se que esta pesquisa seja uma forma de contribuição para se pensar nas condições e ações das mulheres moçambicanas no período da guerra civil de Moçambique, tanto daquelas que participaram como soldadas ou ajudantes ativas, quanto daquelas que em meio a todo o caos político e climático foram provedoras e protetoras da vida dos seus.

Palavras-chave: Literatura Africana; Guerra Civil de Moçambique; Paulina Chiziane; Interseccionalidade.

ABSTRACT

The objective of the research is to analyze, through a historical perspective with an intersectional approach, Paulina Chiziane's narrative contained in her work *Ventos do Apocalipse* - the main source of this research - and how this writing provides an understanding of the multiple roles of women in society during a civil war in Mozambique. Based on this objective, the following question is posed: How can Paulina Chiziane's narrative contribute to the protagonism of Mozambican women and to a perspective of liberation for the Mozambican people? Through the analysis of the literary source we understand the importance of women in the social context of the civil war in Mozambique (1976 - 1992), experienced by the author Paulina Chiziane, who, based on reports and experiences, makes us think through writing about Mozambican society, colonialism, black African woman and liberation. As for the methodology applied, biographical research will be the main way of relating the aspects that will speak to the narrative of the main source, thinking about decolonial feminism through (Vergès, 2020) the intersectional concepts and studies addressed by Patricia Hill Collins (2020), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2017), bell hooks (2015) and the issue of violence from Frantz Fanon (2022). It is hoped that this research will be a form of contribution to thinking about the conditions and actions of Mozambican women during the period of the civil war in Mozambique, both those who participated as soldiers or active helpers, and those who, amid all the political chaos and the climates were providers and protectors of their lives.

Keywords: African Literature; Mozambican Civil War; Paulina Chiziane; Intersectionality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do livro.....	14
Figura 2 - Paulina Chiziane.....	14
Figura 3 - Localização de Moçambique no Mapa Mundi.....	24
Figura 4 - Mapa da localização de Mananga em Moçambique.....	24

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	MOÇAMBIQUE: A LIBERDADE ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO FEMININA	23
2.1	A PARTICIPAÇÃO DA MULHER MOÇAMBICANA NA FRELIMO.....	23
2.2	RAÇA, GÊNERO E LIBERTAÇÃO NAS ESCREVIVÊNCIAS DE PAULINA CHIZIANE.....	27
3	MIGRAÇÃO: O MEDO E A VIOLÊNCIA ANDAM LADO A LADO	39
3.1	A LUTA POR SOBREVIVÊNCIA.....	39
3.2	A RELAÇÃO DAS MULHERES DURANTE E APÓS A MIGRAÇÃO.....	45
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Quando se fala em guerras, em uso de armas e em lutas por liberdade política, automaticamente ainda é a figura masculina que predomina como protagonista nos registros e na mentalidade das pessoas, e inconscientemente vamos nos acostumamos a ver sempre os homens como pioneiros nestes processos de libertação, mas ao analisar um pouco melhor alguns aspectos da história percebemos lacunas de informações, a mulher, o corpo feminino, de uma forma ou outra sempre esteve presente, em alguns momentos não tão diretamente, e em outros, como é o caso da Guerra Civil de Moçambique, mais explicitamente.

A Guerra Civil de Moçambique (1976 - 1992), ocorreu dois anos após a guerra e conquista da Independência do país (1964-1974), atingindo violentamente um povo que ainda estava por se recompor do conflito anterior. O embate entre a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)¹ e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO)² ocorreu pelo controle do país, resultando na morte de muitas pessoas, devastando campos, vilas e cidades que já se encontravam em situações precárias pelo processo colonialista português.

Há registros neste processo de libertação de Moçambique de como as mulheres foram importantes, visto que a formação da FRELIMO contava com um grande número de integrantes femininas. Essas mulheres não só participaram da organização da Frente de Libertação, como também, foram a campo combater a mão armada, lutando tanto pela Independência de Moçambique, quanto posteriormente na Guerra Civil. Segundo Sanchez (2019, p. 104) “a partir dali as mulheres moçambicanas entendiam que o lar não era mais o destino obrigatório”.

As mulheres moçambicanas, mesmo após 1992 com o fim da Guerra Civil, continuaram engajadas politicamente, lutando pelos seus direitos e participação social, mantendo viva a Organização das Mulheres Moçambicanas (O.M.M)³, e criando durante a década de 90 muitos outros grupos e instituições que visam garantir dignidade a vida das mulheres e de suas famílias, combatendo a violência e o patriarcalismo, quebrando paradigmas impostos pelo pensamento machista e colonizador. Entre as mulheres que se

¹ A FRELIMO é atualmente um partido político de Moçambique com maior força política, fundado em 1962, lutou pela independência do país contra as forças coloniais portuguesas, obtendo sucesso na guerra de independência e também na posterior Guerra Civil. (Santos, 2015, p. 18).

² RENAMO é o segundo maior partido político de Moçambique, foi fundado em 1975 com propósito anti comunista, lutou contra a FRELIMO na Guerra Civil do país. (Santos, 2015, p. 18).

³ O.M.M organização fundada em 1973 por mulheres durante a Guerra Civil de Moçambique, a sua organização ocorre justamente pela forte participação feminina na FRELIMO, o principal objetivo era promover o bem estar feminino, garantindo a educação e emancipação das mulheres moçambicanas. Atualmente é uma das organizações sociais do Partido Frelimo.

destacaram no processo de libertação de Moçambique, a presença de Paulina Chiziane não passa despercebida. “O pioneirismo de Paulina Chiziane no ativismo político e na literatura moçambicana está atrelado a uma tradição da participação na vida pública da mulher moçambicana que vem desde a luta pela independência onde as mulheres tiveram papel de destaque” (Sanchez, 2019, p. 104).

Paulina Chiziane quando jovem sempre esteve atrelada a movimentos políticos sendo participante ativa da Frente de Libertação de Moçambique, durante a Guerra Civil estava prestando serviços junto a Cruz Vermelha Internacional e por fim, após os conflitos no país terem amenizado, trabalhou no Núcleo das Associações Femininas da Zambézia (NAFEZA), criado em 1997, que luta por vida digna das mulheres que ainda enfrentam desigualdade de gênero. Chiziane é formada em estudos de linguística na Universidade Eduardo Mondlane. Atualmente está engajada com o desenvolvimento de projetos de ajuda internacional voltados para conflitos e defesa dos direitos das mulheres, decidiu por motivos de desilusões políticas não se envolver mais diretamente com as práticas⁴

Nascida em 4 de junho de 1955 na vila Manjacaze em Moçambique, Paulina Chiziane nos contempla até os dias atuais com sua escrita e diversos conteúdos que nos ajudam a pensar sobre racismo, sociedade moçambicana, colonialismo, mulher negra africana e libertação, sendo a primeira escritora Moçambicana a publicar um romance, intitulado como *Baladas de amor ao vento* (1990), e em 2021, foi também a primeira mulher africana a receber o Prêmio Camões. Em entrevista ela comenta os desdobramentos necessários para que a sua escrita carregue aspectos decoloniais que desconstrói os conceitos e silenciamentos impostos pelo colonizador aos povos subalternizados, neste caso pensando em Moçambique, quando ela afirma que: “É na língua portuguesa que eu expesso os meus sentimentos e me afirmo diante do mundo. Mas eu gostaria que a língua fosse de todos (...) A língua portuguesa, para ser definitivamente nossa, precisa de um tratamento, de uma limpeza, de uma descolonização”⁵.

Como uma escritora que preza por relatar a realidade da qual estava imersa e os processos pelo qual o seu país estava passando, o gesto testemunhal apresentado nas obras⁶ de Paulina Chiziane nos fazem pensar na história de Moçambique através de uma perspectiva do

⁴ Paulina Chiziane (1955). **Biografias de Mulheres Africanas**. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/paulina-chiziane-1955/>. Acesso em: 20 out, 2023.

⁵ Prêmio Camões é um prêmio literário instituído pelos Governos de Portugal e do Brasil em 1988 com vista a estreitar os laços culturais entre os vários países lusófonos e enriquecer o património literário e cultural da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/primeira-mulher-africana-a-receber-o-premio-camoes-paulina-chiziane-disse-que-lingua-portuguesa-precisa-ser-descolonizada/>. Acesso em: 20 out, 2023.

⁶ Citamos as obras de Paulina Chiziane que apresentam a história de moçambique e moçambicanas: *Ventos do apocalipse* (1983); *Niketche: Uma História de Poligamia* (2001) e *Balada de amor ao vento* (1990).

feminismo decolonial, e como caracteriza (Vergès, 2020, p. 41), são os feminismos decoloniais que “(...) estudam o modo como o complexo racismo/sexismo/eticismo impregna todas as relações de dominação, ainda que os regimes associados a esse fenômeno tenham desaparecido”. Como bem sabemos, na história ocidental quando se fala em África, encontram-se diversas lacunas deixadas de forma proposital, ou quando mencionadas, são apresentadas de forma estereotipada através de uma perspectiva eurocêntrica, alimentando as estruturas do poder colonial.

O colonizador passa a caracterizar o colonizado como o “outro”, como diferente, mantendo o discurso de que a evolução do povo colonizado ocorre devido às suas interferências, marginalizando as culturas e saberes diferentes do seu. “O colono faz história. Sua vida é uma epopeia, uma odisseia, ele é o começo absoluto: “Esta terra fomos nós que a fizemos”. Ele é a causa continua: “Se nós partirmos, tudo estará perdido, esta terra retornará à Idade Média”. (Fanon, 2022, p. 47).

Segundo Mignolo o “outro” só existe porque foi inventado a fim de separar quem o inventou dos demais que apresentam características diferentes das suas, essa invenção tem como objetivo traçar formas de poder e opressão sobre esse “outro”. “Hoje a categoria de *anthropos* (“o outro”) vulnera a vida de homens e mulheres de cor, gays e lésbicas, gentes e línguas do mundo não-europeu e não-estadunidense desde a China até o Oriente Médio e desde a Bolívia até Gana”. (Mignolo, 2017 p. 18).

Especificamente para a população negra, além dos argumentos já mencionados a respeito desse “outro” criado pelo branco colonizador, Grada Kilomba (2019) utiliza o termo de outridade para aprofundar os debates sobre o corpo negro nesse local em que é colocado, termo que caracteriza o corpo negro não como sujeito mas como objeto, atribuindo sobre esses corpos tudo o que o branco europeu abomina e teme em sua própria imagem, nesse contexto, os negros passam a ser caracterizados como agressivos, leigos, perigosos e os corpos principalmente das mulheres são reduzidos a aparências sexuais.

Nesses processos de colonização e criação do “outro” para reduzi-lo e dominá-lo, a figura da mulher africana, nesse caso especificamente de moçambicanas, nas regiões norte do país onde predominava um sistema matrilinear foi substituída pela visão feminina que os europeus traziam consigo, essa, por sua vez, caracterizando as mulheres como inferiores. No processo de “civilização” trazido pelos colonizadores, as mulheres moçambicanas perdem a sua força para um modelo que trata a mulher como algo secundário. Nesse sentido, Chiziane em uma entrevista concedida ao Café Filosófico da UFRN⁷ (Universidade Federal do Rio

⁷ Título: Paulina Chiziane - Oralidade e ancestralidade. Disponível em:

Grande do Norte), aponta que há um grande trabalho a se fazer para a mulher africana resgatar a sua herança e se espelhar nas mulheres fortes que foram referências africanas, e não nos modelos europeus.

Dessa forma, a literatura africana⁸, principalmente escrita por mulheres é fundamental para trazer a territorialidade dessa mulher africana que se perdeu em meio aos registros e imposição cultural do europeu, como também, para pensarmos África em geral a partir de uma perspectiva do feminismo decolonial, visto que, os registros historiográficos geralmente se detem a falar apenas sobre a escravidão africana, apontando visões coloniais sobre esses povos e teorias racistas, limitando o conhecimento sobre as ricas culturas, oralidade e contribuições proporcionadas pelo continente Africano ao restante do mundo.

Sendo assim, autoras como Paulina Chiziane nos mostram visões diferentes de se pensar e estudar a história de um país africano, ou até mesmo, do próprio continente, utilizando a escrevivência para enriquecer as histórias e vida que por muito tempo foram e ainda são silenciadas, para ressaltar a voz da mulher negra e seus pertencimentos, desvinculando esse corpo que por tanto tempos foi marginalizado e descrito apenas pelas visões estereotipadas do colonizador.

O termo escrevivência é um conceito que surge a partir da escrita de Conceição Evaristo, uma escritora negra brasileira que apresentou em suas obras características que distinguem a leitura das convencionais, Tratando sobre a diáspora africana, Conceição escrevia e ainda escreve sobre o povo negro e esses são os protagonistas das histórias, que por sua vez, representam situações reais vividas pelo povo. Assim ela comenta:

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. (Evaristo, 2020, p. 31).

A literatura africana será utilizada nesta pesquisa com a integridade de uma fonte histórica para melhor entender a presença feminina durante o período da Guerra Civil moçambicana (1976 - 1992), com base na narrativa de Paulina Chiziane na obra *Ventos do apocalipse*, edição 2023. A obra, que é apresentada como um romance, aborda a dura

https://www.youtube.com/watch?v=WiLijX_7dDk&t=1160s. Acesso em: 20 out, 2023.

⁸ Como Tathiana Cassiano aborda no texto “Uma conversa com Flora Nwapa: as vivências de mulheres ibos na literatura africana pós colonial”, entende-se que na literatura escrita por mulheres negras é possível traçar diálogos entre a obra e aspectos sociais que a literatura aborda no tempo e espaço histórico, pois nessas escritas estão presentes e evidenciadas nas narrativas que dão espaço para as mulheres serem protagonistas e contarem as suas histórias através de uma perspectiva que até então era silenciada. https://www.researchgate.net/publication/346542984_Uma_conversa_com_Flora_Nwapa_as_vivencias_de_mulheres_ibos_na_literatura_africana_pos_colonial.

realidade dos moradores da vila de Mananga, durante a Guerra Civil. Conflito que o país enfrentou durante longos 15 anos, percorremos através da narrativa de Chiziane a personagem Minosse, uma mulher que teve sua vida e de sua família marcada pela guerra. A obra teve a sua primeira publicação em 1995, chegando ao Brasil apenas em 1999.

O livro na sua versão brasileira possui capa comum, é composto por 272 páginas e dividido entre um prólogo, parte I e II. Logo no prólogo que se inicia e termina com a frase *KARINGANA WA KARINGANA* que traduzido para o português significa “era uma vez”, conseguimos perceber a presença do narrador fictício da história, um griot⁹, contador de histórias que presenciou ou escutou e guardou com a mais profunda veracidade para contar às gerações mais novas, evidenciando assim a tradição oral das culturas africanas. O prólogo nos convida a “ouvir” a contação de três lendas que vão sustentar a história da parte I e II no decorrer do livro.

A primeira parte, intitulada “Nascestes tarde! Verás o que eu não vi” tem 11 capítulos, nelas são descritas a realidade das vilas moçambicanas que ainda estavam se estabilizando do pós-colonialismo e a chegada da Guerra Civil na vila de Mananga - onde residia Minosse - ressaltada por Paulina Chiziane que destaca nessa primeira parte a relação desta com seu marido e sua filha, Minosse também representa a vida e a situação que as mulheres moçambicanas passaram durante a Guerra Civil em seus lares. Esposa de um regulo¹⁰, Minosse enfrentava muitas situações de opressão por parte do marido enfatizadas pela prática do lobolo¹¹, o marido entendia que poderia dominá-la, e ela por sua vez, o servia, mas se revoltando com essa realidade e principalmente, lutando para que o futuro de sua filha não fosse o mesmo que o seu.

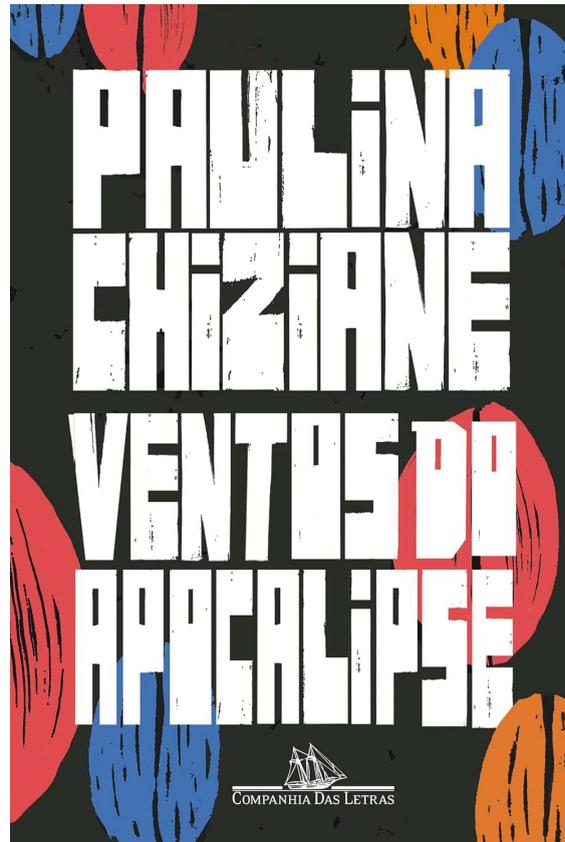
⁹ Poeta, cantor, conselheiro do rei e historiador tradicional africano, integrante de corporações hereditárias importantes para a vida social, sendo por isso mencionado também como “animador público” (Bâ, 2023, p. 110, nota 5). Depositário da tradição oral, é o genealogista das famílias reais e difusor das gesta e epopeias de seu povo. Sua presença é mais notória na África Ocidental, no seio de povos como os mandingas, entre os quais os griôs (djalís, djelis) chegam a construir uma categoria específica, exercendo uma atividade hereditária. Entre os uolofes são chamados de gewel. - A origem da palavra é ainda obscura. Não obstante, vejamos no francês, o termo griot, o qual tem, em primeiro lugar, a acepção de “farinha de segunda”, de má qualidade; e, depois, a de “feiticeiro africano” (CARVALHO, 1980, p. 376). A origem provavelmente estaria no verbo griller, assar, tostar, torrar, queimar (p. 375); ou em grillot, variante de grillet, grilo (p. 375). No francês popular, este grillot é também usado na acepção de “indivíduo que seduz a mulher de outro” (LAROUSSE - Le dictionnaire de L'Argot, 2010, p. 413). A extensão de sentido, para aplicar o termo poeta e cantor tradicional africano teria nascido como intenção depreciativa, na época colonial. Veja-se também o francês grillon, grilo. Ver DJELI; MANDINGAS; UOLOFES. LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. **Dicionário de história da África: séculos VII A XVI**. 1 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017.

¹⁰ Régulo é uma espécie de líder/rei de um pequeno território, sendo um intermediário entre a autoridade portuguesa e a população local.

¹¹ Uma mulher lobolada significa que teve seu casamento realizado através da prática de lobolo que é um acordo entre o pai da noiva e o futuro marido em troca de gado e outras riquezas.

Na segunda parte “Cada dia tem sua história”, possui 25 capítulos e trata dos 21 dias enfrentados pelos sobreviventes da vila de Mananga em busca de um novo local para viver. Durante essa migração do povo, a personagem Minosse aparece carregando as dores de uma mulher sobrevivente em meio ao luto de uma mãe que vê dois filhos e o neto ainda em gestação morrerem, mas também carrega a força e frieza de uma sobrevivente da guerra que busca segurança e um novo lugar para viver e, posteriormente em meio a tantos traumas a solidão, já em novas terras, Minosse adota quatro crianças e revive a maternidade que proporciona novamente sentido a sua vida.

Figura 1 - Capa do livro



Fonte: <https://www.companhiadasletras.com.br/>, 2023

Capas das demais edições estão disponíveis em:

<https://negre.com.br/ventos-do-apocalipse-uma-historia-sobre-o-retrato-da-independencia-mocambicana/>

Figura 2 - Paulina Chiziane



Fonte: <https://mundonegro.inf.br/>, 2023

A escrita da literatura africana na língua portuguesa, como é o caso das obras de Paulina Chiziane, além de romperem com o silenciamento imposto pelos europeus no que diz respeito às culturas africanas, a oralidade e a figura da mulher negra, enfrenta uma barreira que é utilizar a língua do próprio colonizador para apresentar uma visão da história que por ele foi negligenciada e marginalizada.

Dessa forma, ao falarmos em literatura africana, aqui em especial sobre a obra *Ventos do apocalipse*, é possível reconhecermos nas narrativas de Paulina Chiziane a força que essa escrita possui, a autora utiliza a língua do próprio colonizador como ferramenta para a valorização de histórias que esses tentaram silenciar, em especial sobre Moçambique e sobre a mulher moçambicana. A autora, como comenta Tiago Ribeiro dos Santos (2015), relata as experiências traumáticas vividas no conflito da Guerra civil que ocasionou a devastação de inúmeras aldeias, esses relatos não se perdem em meio a sua narrativa, que mantém viva a história do país.

Não só Paulina Chiziane utiliza-se da literatura como uma forma para recuperar a história da África, temos inúmeros nomes de mulheres africanas que contribuem com suas escritas para se pensar África, gênero, vida da mulher africana, culturas e política, como Oyèrónkè Oyěwùmí (1997), Scholastique Mukasonga (2017), Buchi Emecheta (1979) e Sefi Atta (2004), porém, essas mulheres possuem suas obras constantemente marginalizadas, isso ocorre devido a um pensamento racista e machista que ainda permeia a atualidade, onde se quer acreditar que os povos africanos são inferiores e precisam se apoiar nos estudos europeus para alcançarem a sua intelectualidade.

Ao analisar *Ventos do apocalipse*, o contexto da Guerra Civil (1976 - 1992) apresentado na obra se relaciona com o protagonismo feminino que Paulina Chiziane de forma sutil, porém intencional e determinante coloca sobre algumas personagens a fim de evidenciar a realidade das mulheres moçambicanas durante esse período histórico. Portanto, o método de pesquisa biográfica será a principal forma de relacionarmos nesse trabalho os aspectos que vão conversar com a narrativa da obra, pensando o feminismo decolonial (Vergès, 2020) e nos conceitos e estudos interseccionais abordados por Patricia Hill Collins (2020), Grada Kilomba (2019), Djamilia Ribeiro (2017), bell hooks (2015), autoras negras diaspóricas e pensarmos violência a partir de Frantz Fanon (2022).

O objetivo da pesquisa é analisar, através de perspectiva histórica com abordagem interseccional, a narrativa de Paulina Chiziane que consta em sua obra *Ventos do Apocalipse* e como essa escrevivência proporciona um entendimento sobre os múltiplos papéis da mulher na sociedade durante a guerra civil de Moçambique. Sendo assim, surge a pergunta norteadora

da pesquisa: Perante esse questionamento, busco compreender a importância feminina no contexto social do período, englobando gênero e memória, analisando as narrativas de Chiziane como um testemunho da Guerra Civil moçambicana através da personagem Minosse.

Em suma, analisamos a escrevivência da autora na obra mencionada, considerando a participação e relações femininas na Guerra civil de Moçambique, através das características presentes nessa escrita, busca-se explorar como essa escrita é uma forma de libertação, não apenas a libertação do povo de Mananga¹², mas a libertação através de uma escrita que desvincula-se dos paradigmas coloniais, onde Paulina Chiziane, mulher negra moçambicana registra uma realidade sem silenciamentos colonizadores, e coloca em foco a figura feminina que nos registros da história é geralmente deixada às margens.

Diante de todo o protagonismo da mulher moçambicana nos processos de libertação do país e nas suas organizações, pensar a questão de gênero e raça a partir da percepção de estudos africanos é de suma importância para entender tanto a ação dessas mulheres como também os motivos dos silenciamentos das mesmas perante as escritas ocidentais e opressões que surgem com o colonialismo. O estudo de raça e gênero se faz fundamental para entendermos também os sistemas de opressões sobre os povos africanos, e aqui especificamente na vida da personagem Minosse.

Quando falamos em raça Achille Mbembe (2001), define essa como uma criação do colonizador para se fazer superior, o qual busca em sua trajetória criar uma raça superior, pretendo então entender a partir das escritas de Mbembe como o conceito de raça afeta a história e a vida dos africanos que foram e ainda são condenados a um lugar de opressão que não os pertence. Já, sobre a questão de gênero, busco a relação desse em um período pós colonial em Moçambique, como a vida principalmente das mulheres moçambicanas é afetada por essa relação dos papéis de homens e mulheres na sociedade, buscando também abordar algumas questões que o feminismo negro debate nos EUA e que dialoga com a narrativa da Chiziane.

Embora as intelectuais negras há muito expressem uma sensibilidade feminista distinta, de influência africana, sobre a intersecção de raça e classe na estruturação do gênero, historicamente nós não temos sido participantes plenas das organizações feministas criadas por brancas. O resultado é que as mulheres afro-americanas, latino-americanas, indígenas e asiático-americanas têm acusado os feminismos ocidentais de racismo e preocupação excessiva com questões relacionadas às mulheres brancas de classe média. (Collins, 2019, p. 38).

¹² Mananga é um bairro situado perto do subúrbio Munhava e do bairro Maraza. Disponível em: <https://mapcarta.com/pt/N6431683236>

A luta feminista negra se apresenta de forma diferente, pois ainda como sociedade, não atingimos um patamar de igualdade entre mulheres brancas e negras, o fator raça acaba sendo predominante perante a questão do gênero, pauta trazida por Pauline Chiziane em entrevista concedida a Quatro cinco um em 2021. Quando comenta os impactos que o legado do colonialismo teve na vida das mulheres africanas.

O colonialismo queria derrubar toda a estrutura social africana. As negras deveriam ser mulheres de cama, que o homem branco podia usar e abusar. A África teve mulheres poderosíssimas. Estou a falar da rainha de Sabá, de Cleópatra. Mas o sistema colonial, com as suas religiões, apagou tudo. Por isso, antes de falar do feminismo, deixa-me estudar a história dessas mulheres. As africanas têm que recuperar esse legado para depois escrever um feminismo escuro, sem as marcas da Europa e da América. (Silva, 2022, s/p).

Chiziane e a suas obras são fontes de pesquisa para estudiosos de inúmeras áreas além da História, como é o caso da linguística, campo que maior aparece. Tiago Ribeiro dos Santos em sua tese de doutorado em Literatura, intitulada como “Entre tralhas e traumas de guerra: O gesto testemunhal da escritora Paulina Chiziane” (2015), busca analisar a escrita de Paulina e como os seus relatos testemunhais podem ser utilizados para estudar os traços do colonialismo deixado em Moçambique. Já Marcelo Hailer Sanchez em sua tese de doutorado na área de Ciências Sociais “Tambores da Revolução: Moçambique, colonialismo e independência a partir da obra de Paulina Chiziane” (2019) dialoga com a própria Paulina, analisando como a escrita em meio a todos os traços do colonialismo impregnados no país é uma ferramenta para romper com a colonização mental. Nessa mesma linha, Maria do Carmo Ferraz em sua tese de doutorado em História que tem por título “Narrativas da moçambicanidade: os romances de Paulina Chiziane e Mia Couto e a reconfiguração da identidade nacional” (2008), analisa como a escrita dessas autoras é importante para a reconfiguração das identidades moçambicanas.

O referido trabalho além desta introdução, está dividido em dois capítulos, onde busca-se identificar a mulher moçambicana como protagonista na obra *Ventos do apocalipse* e também os aspectos culturais do país nos quais essas personagens estão imersas. Para isso, no primeiro capítulo, descrevo brevemente a participação da mulher moçambicana na Frente de Libertação do país durante a Guerra Civil (1976 - 1992). Na sequência parto para a análise da primeira parte da obra *Ventos do apocalipse* (2023, p. 21-134) a partir da personagem Mínoisse. Abordando o olhar desta personagem na relação de gênero sobre a vida, a morte, os rituais e a guerra.

Para o segundo capítulo, analiso a segunda parte da obra *Ventos do apocalipse* (2023, p. 135- 262), descrevendo as travessias das mulheres de Mananga no corpo de Mínoisse, com

o nascimento, solidariedade e solidão. Também, exploro os traços de violência expostos nesta obra e a luta pela sobrevivência.

2 MOÇAMBIQUE: A LIBERDADE ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO FEMININA

2.1 A PARTICIPAÇÃO DA MULHER MOÇAMBICANA NA FRELIMO

Em 1964 Moçambique iniciava a guerra de independência para libertar-se do colonialismo português, a guerra que se estendeu por dez anos, cessou em 1974 com a vitória de Moçambique frente ao colonizador. Esse período foi caracterizado por inúmeras lutas sangrentas. Neste combate contra os portugueses em busca da libertação do país, Moçambique contava com a força armada da FRELIMO, “criada em 1962 como resultado de junção de três movimentos de luta contra a ocupação colonial portuguesa, nomeadamente, UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique), MANU (Mozambique African National Union) e UNAMI (União Africana de Moçambique Independente)” (Cuco, 2016, p. 9), a FRELIMO nesse momento se apresentou como sendo um movimento de libertação.

É importante sublinhar que, antes de se tornar um partido político, a FRELIMO nasce como um movimento de luta contra a ocupação de Moçambique por Portugal, potência colonizadora. De tal forma que, existe uma distinção da sigla FRELIMO como movimento revolucionário (escrita em letras maiúsculas) e da Frelimo como partido político (escrita em letras minúsculas). (Cuco, 2016, p. 2).

Nesse contexto de batalhas, o líder da FRELIMO já demonstrava interesse na implementação feminina na composição do movimento de libertação. As mulheres moçambicanas por sua vez, muito antes da guerra começar já estavam ativas no combate contra o colonialismo, processo esse que as reprimia antes de tudo como mulher negra, que ao tratar de direitos políticos, sociais e econômicos as colocava na base da pirâmide da hierarquia social. A FRELIMO, como comenta Casimiro (2014), ao caminhar para construção de um novo modelo de sociedade com base no Marxismo, apoiou o vínculo de mulheres no movimento e ressaltou que o processo de emancipação da mulher deveria ocorrer em simultâneo com a luta pela libertação do país.

Contudo, a participação das mulheres na FRELIMO foi intensificada apenas em 1966, quando foi admitido a elas o direito da participação do exército, nesse momento o número de mulheres envolvidas no movimento de libertação passou a ser de uma quantidade considerável. Essas mulheres que optaram por seguir como soldadas, geralmente eram jovens que vinham do campo, participando da linha de frente do combate passavam por vários treinamentos que asseguravam que elas estavam em condições físicas de estar em um campo de batalha.

Isso não significa que a participação dessas mulheres na FRELIMO foi aceita de forma unânime sem intervenção ou resistência de alguns membros homens, muita discussão

ocorreu em torno principalmente da inclusão das mulheres na força armada, pois isso significava que elas teriam que por alguns momentos largar as suas tarefas domésticas e de ocupar o lugar de mães e esposas, invertendo a ordem social criada pelos modelos sexistas. Porém, devido a muita resistência feminina em mostrar que eram capazes de aguentar os combates e de que o seu lugar não era apenas nos lares e machambas¹³, a sua participação no movimento foi integrada. Além do mais, elas mobilizavam a população e, de modo especial às mulheres, visando despertar uma “compreensão política da guerra” e a adesão ao movimento. (Santana, 2009).

A mulher devia lutar por si mesma, pela sua liberdade e pela libertação do país. Por isso, realizávamos tarefas concretas para nós acabarmos com o nosso complexo de inferioridade em relação ao homem. As nossas meninas militares vinham basicamente do interior. Muitas delas juntavam-se à FRELIMO ainda muito novas na idade adolescente, mas elas constituíam a maioria do DF. (...) Para tornar mais efectiva a execução das tarefas femininas, era necessário treinar mulheres, para participarem no combate. Se elas caíssem numa emboscada, saberiam utilizar mecanismos de auto defesa. Neste contexto, muitas mulheres foram levadas do interior de Moçambique para Nachingwea, para treino no Centro de Preparação Político-militar em Nachingwea. (Santos *apud* Organização da Mulher Moçambicana, 2013, p. 32).

O processo de inserção no movimento não era fácil para as mulheres devido às questões sociais e além de tudo também precisavam considerar que boa parte delas já eram mães, ou engravidavam enquanto estavam no campo de batalha, isso por que muitas mulheres devido a uma visão machista dos guerrilheiros, serviam apenas aos seus prazeres sexuais. Diante dessa condição, durante a guerra pela independência, “a FRELIMO organizou infantários para cuidar dos filhos das guerrilheiras. Em períodos de gravidez elas deixavam a atividade e retornavam assim que davam à luz”. (Santos, 2015, p. 96).

As condições precárias em que o país se encontrava também dificultavam a chegada de recursos materiais para a guerra, como acessórios para o armamento e vestimenta adequada, enquanto isso, as mulheres utilizavam a capulana - pano de costa utilizado pelas africanas para segurar seus bebês - para prender a granada na parte de cima, precisamente junto ao peito. (Santos, 2015).

A luta das mulheres moçambicanas nunca foi apenas pela independência política do país, mas também era uma luta pela conquista dos seus direitos como mulheres. Apesar de algumas delas não quererem ou não poderem por questões particulares e sociais participar do Destacamento Feminino¹⁴, elas “continuaram a contribuir com a Revolução através de outras formas, como por exemplo: no transporte de material, na produção de alimentos para as (os)

¹³ Do Changana, — maxambal, que significa horta ou terreno de plantio. (Santos, 2015, p. 83).

¹⁴ Destacamento Feminino foi a estrutura militar criada especialmente para atender às mulheres. (Santos, 2015, p. 91).

combatentes, como informantes, professoras ou enfermeiras” (Santana, 2009, p. 75). Essas mulheres tornaram o movimento vivo dentro das sociedades.

Após a guerra pela independência do país, a Frelimo novamente toma frente em um novo conflito, a Guerra Civil de Moçambique, agora apresentado como um partido político que luta contra a RENAMO pelo controle político do país. A participação feminina continuou, ainda mais forte durante a Guerra Civil que se inicia em 1976, dois anos após o final da guerra pela independência e que termina apenas em 1992, sobrecarregando o povo que já se encontrava em grande vulnerabilidade social e econômica.

As forças e organizações femininas nesse período foram intensificadas, pois se a RENAMO assumisse o país, devido ao seu interesse de tentar retomar aspectos do tradicionalismo que colocava a mulher moçambicana em situação de opressão, iria fazer com que muitos dos direitos e espaços que as mulheres já haviam conquistado fossem perdidos. O tradicionalismo de moçambique ainda é pauta de muitas intelectuais e pesquisadoras moçambicanas que lutam por um feminismo negro, pois ao mesmo tempo que em muitas situações apresentam aspectos importantes para o sentimento de pertencimento e identificação do grupo, em outros ele oprime as mulheres moçambicanas, e é com base nisso que Loforte 2017 destaca a forma como os estudos feministas e de gênero buscam compreender a questão, quando comenta:

Nossa postura é denunciar atos de violação olhando para os direitos humanos das mulheres e criticar a postura que procura justificar determinado tipo de ações em nome da cultura, em nome da tradição. Realmente a nossa posição é muito crítica no sentido de afirmar que não há nenhuma cultura que pode estar acima dos direitos humanos, e muitas vezes essa nossa posição não é muito bem aceita. É isto que leva uma certa camada de profissionais contra as nossas posições e aquilo que nós escrevemos e denunciamos (Loforte, 2017 *apud* Gasparetto, 2021, p. 8).

Em meio a todo período de guerras e o envolvimento ativo das mulheres nesses movimentos em busca dos seus direitos, não nos cabe deixar de fora a visão sobre a organização social nesse período que afetam diretamente a situação da mulher que está por fazer o que chamamos de trabalho invisível, essas mulheres foram fortemente afetadas pela condição da participação na guerra, visto que só eram emancipadas as mulheres que realizavam trabalhos caracterizados como sociais, ou seja, os trabalhos domésticos/invisíveis não eram considerados e muitas mulheres entravam em uma dupla jornada de trabalho para garantir sua emancipação.

Ora o trabalho doméstico não foi considerado como trabalho social. A mulher viu-se obrigada a desempenhar mais actividades, sem que tivesse havido um debate acerca da divisão sexual de trabalho no seio da família e da sociedade e uma prática diferente. Algumas mulheres consideravam a participação na luta armada como um momento excepcional da sua vida, reproduzindo-se a divisão sexual do trabalho na esfera pública e privada. (Casimiro, 2014, p. 233).

Como forma de união feminina em busca de seus direitos, a O.M.M, criada em 1973 ainda enquanto a guerra de independência ocorria, toma forma nesse novo período, a organização vinculada inicialmente a Frelimo tinha como principal objetivo mobilizar as mulheres na busca de igualdade, integrando a mulher nos meios políticos, econômicos e sociais, além do mais, “favorecia programas de alfabetização e de cuidados de saúde primários, projectos de costura, artesanato, creches, culinária” (Casimiro, 2014, p. 236) em prol de uma vida digna para a mulher moçambicana.

As mulheres membros da O.M.M também se organizavam a cada trimestre para realizar a publicação de um boletim chamado: Mulher Moçambicana. Neste boletim, composto em sua totalidade por mulheres, eram divulgados muitos assuntos que provinham das discussões que ocorriam nos encontros, homenagens para algumas guerreiras, notas de pesares, poemas, divulgação do conteúdo tratado em alguns congressos e seminários, bem como conscientização para as mulheres da sociedade, campanha de vacinas, cuidados pessoais e direitos.

Em especial, na segunda edição, lançada em junho de 1986, as mulheres organizam uma página no boletim para homenagear uma grande guerreira, Josina Machel¹⁵, que morreu em 1971 em combate pela libertação de Moçambique. Josina, foi uma das primeiras mulheres a demonstrar vontade em participar da frente armada, sendo uma pioneira e incentivadora para outras mulheres moçambicanas, lutando sempre pelos direitos das mulheres e intensificando essa luta em diversos congressos que participou. Nessa homenagem aos 15 anos de morte de Josina, as moçambicanas escreveram:

... Tu foste a Mãe, a Esposa, foste a Camarada, tu foste a Jovem que, rompendo peias de toda a espécie, quebrando grilhetas e cadeias seculares, ficasse para todo o sempre como símbolo da mulher que lutou por ser ela própria. E tu foste-o verdadeiramente! Por isso tu és a imagem da Paz, do Amor, da Liberdade, mas também o símbolo da coragem e da intrepidez. Foste aquela que, nos momentos mais difíceis da vida e da luta, nunca vacilou, olhos postos naquela outra mãe por quem tantos, tal como tu, lutam, sofrem e morrem: a Pátria Moçambicana (Mulher Moçambicana, Boletim da O.M.M - N° 2, p. 3).

Falamos aqui de um nome específico, porém, durante todo o período de guerra em Moçambique existiram muitas “Josinas”, mulheres de garra e força que não se limitavam em aceitar o lugar que estavam, que lutavam por libertação e achavam meio para incentivar as demais a fazerem o mesmo. Essa libertação acabou não resplandecendo apenas na vitória das

¹⁵ Nascida em 1945 na província do sul de Inhambane, Josina Abiathar Muthemba, nome de solteira, foi desde cedo influenciada pela família para estudar. Aos 18 anos, Josina foge de Moçambique na tentativa de se juntar à luta armada de libertação contra os portugueses, sem sucesso, foi capturada e enviada de volta para casa ficando detida por meses. Na segunda tentativa, Josina conseguiu alcançar a sede da FRELIMO. No ano de 1969, Josina Machel casou-se com Samora Machel, que viria a ser o primeiro presidente de Moçambique. (Sousa, 2018, s/p).

guerras, mas o trabalho das mulheres moçambicanas continua até a atualidade, em busca agora de uma libertação do sexismo, dos silenciamentos e do racismo.

2.2 RAÇA, GÊNERO E LIBERTAÇÃO NAS ESCRIVIVÊNCIAS DE PAULINA CHIZIANE

Paulina Chiziane uma mulher revolucionária, participante ativa na Frente de Libertação de Moçambique durante a Guerra Civil (1976 - 1992) e atuante na Cruz Vermelha, testemunhou os massacres que ocorreram no país durante essa guerra, a partir de toda essa vivência nos contempla com obras literárias de cunho testemunhal que ensinam sobre Moçambique, que nos apresentam traços da realidade vivida por determinados grupos durante os ataques civis e que desvinculam a história de um país dos paradigmas e silenciamentos coloniais sobre a cultura e realidade desses indivíduos durante este período delicado da história.

Devido a algumas desilusões, Paulina Chiziane, em um determinado momento de sua vida decidiu desvincular-se de partidos políticos, segundo ela, sua participação nos movimentos revolucionários ocorria pois tinha um grande sonho de ver o seu país em melhores condições e mais justo, mas com o tempo, novas “caras” foram aparecendo nesses movimentos, como comenta: “Muitas pessoas que estão no poder hoje fizeram parte deste movimento contra o colonialismo, contra o capitalismo, contra a corrupção. E hoje são os mesmos que praticam aquilo que ontem combatiam. Então isso dá um desencanto”. (Hailer, 2014, s/p).

Focando então na escrita de Paulina Chiziane, é possível notar que ela busca evidenciar em suas obras¹⁶ o papel da mulher, no caso do livro *Ventos do Apocalipse* o protagonismo feminino aparece no período histórico da Guerra Civil, os traços da escritora¹⁷ são notórios nas suas narrativas, Paulina escreve esse livro a partir do contato que teve com mulheres e outros sobreviventes da Guerra Civil que chegaram até ela pelo trabalho da Cruz Vermelha, em especial, essas mulheres que falaram de sua situação não foram participantes da frente de combate, mas sim, moradoras de vilas invadidas e massacradas pelos militares. Muitas dessas mulheres são representadas através da personagem

¹⁶ Entre as obras de Paulina Chiziane que evidenciam o papel da mulher, temos: *Niketche: Uma História de Poligamia*; *Balada de amor ao vento* e *O Alegre Canto da Perdiz*.

¹⁷ Escritora, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (Duarte; Nunes, 2020, p. 11).

Minosse a qual terá suas características evidenciadas no decorrer do capítulo.

A escrevivência portanto, surge na escrita da autora contando uma história da Guerra Civil de Moçambique por uma percepção dos Moçambicanos vítimas do ocorrido, é uma obra que em sua totalidade evidencia a questão da cultura, da oralidade e das características próprias do povo que não foram apagadas pelo processo de colonização, proporcionando uma identidade a esses sujeitos. O próprio narrador da história está imerso nessa realidade, conforme a leitura vai fluindo mostra-se conhecedor das características de cada personagem e do período da história pelo qual estão passando.

A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si. (Duarte; Nunes, 2020, p. 35).

Apesar de seu pai ter influenciado dentro de casa a predominância da utilização da língua materna - chope - Paulina Chiziane utilizou-se principalmente da língua do colonizador português em suas escritas, pois era essa que foi imposta como língua oficial no país e portanto, utilizada nas escolas, contudo, “Chiziane preocupa-se com as marcas de exclusão que vão sendo deixadas no rastro da dominação da Língua Portuguesa, uma vez que a maioria dos cidadãos moçambicanos – não falantes dessa língua – não pode dialogar com a produção de textos da esfera literária ou jornalística” (Santos, 2015, p. 23).

Em seu livro *Ventos do Apocalipse* em meio a toda narrativa existem muitas palavras que se mantêm na língua chope de origem bantu¹⁸, no final do livro consta um glossário que pode ser consultado. A própria palavra lobolo de origem moçambicana que traduzida para o português significa “preço de noiva”, é muito utilizada na obra em sua forma original, como veremos em alguns exemplos mais adiante, contudo, a maioria dessas palavras ou frases que se mantêm na linguagem original são utilizadas em diálogos ou situações religiosas.

Como é o caso de quando o narrador da obra descreve uma reunião do povo de Mananga em um culto para evocar os espíritos de seus ancestrais e pedir perdão pelos pecados, esses por sua vez acreditavam que a extrema seca e falta de chuva que a região

¹⁸ BANTU. O mesmo que Banto (masculino). BANTOS. Grande conjunto de povos agrupados por afinidades etnolinguísticas localizados nos atuais territórios da África Central, Centro-Occidental, Austral e parte da África Occidental. Deslocando-se, a partir da região dos Montes Adamaúá, na atual República dos Camarões, em constantes vagas migratórias, desde, provavelmente, o primeiro milênio a.C., eles chegam, alguns, à região dos Grandes Lagos e outros até a região de Catanga. Desses sítios deslocam-se até o Zambeze, chegando ao Oceano Índico. Suas migrações alcançam também a costa Atlântica e o extremo sul do continente. Durante esses deslocamentos, os ancestrais dos modernos povos bantos criaram técnicas agrícolas e metalúrgicas, instituições sociais e lideranças, fundando Estados importantes. LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. **Dicionário de história da África: séculos VII A XVI**. 1 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017.

enfrentava seria uma forma de punição dos defuntos pelos seus erros e insultos. Pedindo perdão para esses ancestrais, a palavra Siavuma - que em português significa amém - é sempre mantida na língua original.

Povo - Siamuva!
 Sianga - Pelos filhos que sofrem, imploramos perdão.
 Povo - Siamuva! (Chiziane, 2023, p. 81).

Figura 3 - Localização de Moçambique no Mapa Mundi



fonte: <https://vidaarteedireitonoticias.blogspot.com/2014/04/historia-mocambique-africa.html>

Figura 4 - Mapa da localização de Mananga em Moçambique



Fonte: <https://mapcarta.com/pt/N6431683236>

A cidade de Maputo é a capital de Moçambique e Mananga o local narrado na obra.

Outro exemplo é também referente a um ritual religioso chamado “mbelele”¹⁹, esse consiste em uma espécie de ritual de fertilidade muito antigo para chamar a chuva, por sua vez, ele é realizado exclusivamente pelas mulheres que juntas com seus corpos nus evocam os antepassados. Nas narrativas da obra, quando o ritual se conclui e as mulheres voltam à vila de Mananga, o povo se reúne para executar junto a elas a segunda etapa da cerimônia com música e dança invocando os espíritos provedores da chuva.

(...) O sol dá a última olhada e morre contente. Vai contar aos mortos que na terra há luta e sacrifícios na esperança de fazer sobreviver o homem negro. Os tambores rufam e as vozes cantam:

A wu nguene moya/ Que venha o espírito
He moya/ Oh, espírito
Nanutla ku ni moya/ Hoje chegou o espírito
He moya/ Oh, espírito

Wa nguena moya/ Está a entrar o espírito
He Moya/ Oh, espírito
Nanutla ku ni moya/ Hoje chegou o espírito
He moya/ Oh, espírito (Chiziane, 2023, p. 96 - 97).

Com esses exemplos, acredito que Paulina Chiziane além de abordar a questão da escrita na língua original em sua obra, também chama a atenção para o fato dos costumes e rituais religiosos serem algo muito presente e utilizado principalmente nos meios rurais onde o tradicionalismo é mais concentrado. As palavras na língua original por sua vez, trazem um traço de resistência à obra de Paulina Chiziane, não cedendo às caracterizações e traduções coloniais que não conseguem inserir nessas palavras todo o significado merecido em suas traduções.

Importante ressaltar o quanto é fundamental para muitas feministas negras e latinas a reflexão de como a língua dominante pode ser utilizada como forma de manutenção do poder, uma vez que exclui indivíduos que foram apartados das oportunidades de um sistema educacional justo. A linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, além de ser um - entre tantos outros - impeditivos para uma educação transgressora. (Ribeiro, 2017, p. 26).

Ao escrever o romance, por mais que a literatura apresenta uma linguagem ficcional que é de fato uma característica própria desse tipo de escrita, a autora não deixa de lado em sua narrativa os aspectos testemunhais, os quais relata explorando a sua memória sobre os

¹⁹ O mbelele, segundo a tradição, é um ritual em que as mulheres, dirigidas por um régulo ou por um sacerdote, participam de uma representação lasciva e sedutora para conclamar os “chicuembos” ou almas perversas” causadoras da falta de chuva (Fonseca, 2022 *apud* Cipire, 1992, p. 20).

ocorridos durante a Guerra Civil. Em uma entrevista concedida a Tiago Ribeiro dos Santos, ao ser indagada pela seguinte pergunta: “Você acredita que a Literatura é capaz de testemunhar aquilo que foi vivido nas guerras?”, ela responde:

É! A literatura é testemunhal. Só que, no caso de Moçambique, eu acho que os escritores, são seres humanos, lógico, mas os escritores são uma espécie de testemunha e que, de certa maneira, colocam no papel, como se diz, o sentimento deles e das pessoas com quem convivem. Porque os políticos depois vão produzir os livros de histórias, com datas e aquelas regras todas fixas, porque o exército de fulano venceu fulano, porque isto é aquilo e ponto final, mas o escritor tem essa vantagem, de trazer o outro lado humano sobre essas guerras. Eu escrevi sobre a guerra, sim, mas eu estou a lembrar-me agora da cronista Lina Magaia, que foi uma pessoa que fez uma denúncia terrível sobre aquilo que se estava a passar aqui, a nível do sul do país, entre as tropas da Renamo e as tropas da Frelimo: os massacres, as coisas mais tenebrosas. Ela era jornalista e fez uma série de crônicas que chamaram a atenção do mundo para o genocídio que estava a acontecer em Moçambique. E acho que esse foi, para mim, o caso mais forte, porque os outros escritores escreviam, claro, romaneavam e não apontavam o dedo na ferida. Então, nesse aspecto, a literatura moçambicana contribuiu, sim, para chamar a atenção sobre o sofrimento do negro. Os embaixadores, pessoas comuns despertaram para a realidade e começaram a questionar, por meio da literatura. Isso aconteceu. (Santos, 2017, p. 5).

Nos seus registros testemunhais transformados em livros através da escrevivência, Paulina Chiziane traz a imagem da mulher como protagonista nas suas histórias, tornando a escrita uma forma de evidenciar o papel da mulher em inúmeras situações do próprio cotidiano que em outros relatos são ocultados. Essa escrita acaba sendo também uma forma de denunciar as injustiças sexistas e racistas que fizeram e ainda fazem parte da realidade das mulheres africanas, proporcionando um reconhecimento e identificação de problemas sociais.

Uma dessas práticas criticadas pela autora é o lobolo - contrato de casamento tradicional onde a mulher era oferecida a seu futuro marido geralmente por decisão do pai em troca de gado, dinheiro ou outros bens - ela relata a partir de um testemunho de 1994, que em sua etnia Tsonga, algumas práticas mantêm viva a tradição do ato do lobolo, mesmo ele sendo muito criticado pelas autoridades de Moçambique após a independência do país, pois era visto como um retrocesso quando se tratava da vida das mulheres e da busca pelos seus direitos dos quais elas tanto lutavam.

Na etnia Tsonga (minha etnia) quando uma rapariga nasce, a família e os amigos saúdam a recém-nascida dizendo: hoyo-hoyo mati (bem vindo a água), atinguene tipondo (que entre o dinheiro), hoyo-hoyo tihomo (bem vindo o gado). O nascimento de uma rapariga significa mais uma força de ajuda a transportar água, mais dinheiro ou gado cobrado pelo lobolo. (Chiziane, 2013, p. 201).

No livro *Ventos do Apocalipse*, o narrador traz essa crítica através da indignação da

mãe - Minosse - ao saber que o marido - Sianga - possuía interesses em lobolar a sua filha, Wusheni. Sianga, régulo da vila de Mananga, apresenta a postura de um personagem que alimenta o seu ego patriarcal com base nos valores tradicionais e que é constantemente usado como porta voz dos interesses do colonizador para a sua comunidade, aqueles que colocam a mulher em segundo plano, que normalizam uma sociedade em que um homem poderia lobolar várias mulheres e essas deveriam o servir com gratidão e fidelidade, tornando a mulher sua submissa e com pouca ou quase nenhuma liberdade. Minosse, que se torna esposa de Sianga através da prática de lobolo, é narrada como quem critica o ato quando essa realidade vai de encontro a sua filha.

Sianga - Minosse, casaremos a nossa filha com um homem rico, poderoso, um homem de verdade. Vai ser com vacas das boas, o lobolo dela.

Minosse - Estás louco pai de Manuna, isso estás. Os homens de valor estão longe de Mananga, estás louco, sim.

Sianga - Estás a chorar? Por mais que chores, digo-te, esse lobolo será feito, e Wusheni será a quinta esposa desse velho e, com o dinheiro que ele trouxe, irei lobolar outra mulher mais jovem e mais bela que tu, minha velha, verás. (Chiziane, 2023, p. 66 -67).

Mesmo sendo contra o lobolo de sua filha, as queixas e tentativas de interferência de Minosse não são consideradas pelo marido que em período de muita pobreza e escassez na vila onde mora, vê o lobolo como uma forma de conseguir alimento e estabilizar a sua situação financeira, usando a filha como uma espécie de moeda de troca para as suas necessidades. O lobolo da filha acaba não ocorrendo por resistência e a mãe a apoia em toda a situação.

Essa crítica ao lobolo parte de Chiziane dentro e fora do livros. Na narrativa da primeira parte de *Ventos do apocalipse* ela traz alguns exemplos que comparados com a realidade, conseguimos compreender como o patriarcado vezes influenciados pelo colonizador era e ainda é forte nos lares moçambicanos. Esse espaço de violência e opressão que o homem coloca a mulher é relatado por Paulina Chiziane na personagem Minosse, a qual mesmo sendo resistente a muitas atitudes do marido, não consegue fugir dessa realidade opressora presente em seu lar.

Através da personagem nas narrativas, é chamada a atenção para a realidade enfrentada pela maioria das mulheres moçambicanas nesse período, onde elas eram designadas a aprender desde cedo a cuidar da casa e do marido, mesmo que esse não fosse bom com ela, e que a prática do lobolo fosse usada constantemente como discurso para que a mulher devesse servir bem o marido, afinal, esse gastou muito gado e dinheiro para tê-la, tal

como a realidade da personagem narrada na obra. Um exemplo é quando Sianga chama Mínosse para servi-lo e ela sem vontade de ir, demora a atendê-lo:

Sianga - Mínosse wê, foi a fome que ensurdeceu?

Ela sai da palhota simulando passos apressados. Esposa dos velhos tempos, ainda preserva as tradições e o respeito dos antigos. Aproxima-se do marido, faz uma vénia, ajoelha-se solenemente, de olhos fitos no chão.

Mínosse - Sim, pai.

Sianga - Sim, pai, é a cabra que te pariu. Mínosse, lobei-te com dinheiro vermelho e debes-me obediência.

Mínosse - Sim, pai, aqui estou para te servir. (Chiziane, 2023, p. 23).

O desprezo pelos sentimentos, pela força e inteligência das mulheres é produzido pelos próprios maridos e homens da família, o sexismo e o machismo trazido por Paulina Chiziane na obra nos faz pensar como era a visão dos homens perante as mulheres, por uma perspectiva de que a mulher é frágil, ingênua e se contenta com pouco, essa narrativa acaba evidenciando uma sociedade na qual a mulher ser amada e respeitada inteiramente por um homem era um privilégio de poucas.

Paulina Chiziane ao falar de sua escrevivência e de como ela representa a mulher africana, sem romantismos, mas expondo a dura realidade vivida por muitas delas, mais precisamente da mulher moçambicana, comenta que: “A coisa mais gratificante no meio desta história foi a alegria e carinho com que a camada feminina me recebeu a mim e ao meu livro. Os jovens de ambos os sexos encorajam-me e pedem que escreva mais livros. Alguns até prometem que um dia serão escritores” (Chiziane, 2013, p. 203).

A escrita de Chiziane acaba atingindo positivamente muitas mulheres, pois é uma escrita que liberta, liberta um povo que até então era caracterizado e narrado apenas pelos europeus para ter a suas próprias narrativas, liberta a mulher dos silenciamentos e opressões, proporcionando a elas uma leitura na qual se encontram e se identificam, e por sua vez, se identificando mesmo que em situações de opressão, conseguem ter uma visão melhor de si e de como são fortes, essa visão pode acarretar uma força feminina gigantesca e empoderamento, que foi diminuído durante séculos sobre as mulheres negras que foram reduzidas pela visão do colonizador e da sociedade patriarcal, tendo seus corpos sexualizados e estereotipados e a sua intelectualidade banalizada. Em *Intelectuais negras* (1995), bell hooks fala sobre o quanto as mulheres negras foram construídas ligadas ao corpo e não ao pensar, em um contexto racista, e Chiziane vem trazer outro olhar sobre as mulheres moçambicanas.

No relato da Guerra Civil feito por Chiziane em *Ventos do apocalipse* a importância que a narrativa testemunhal da autora proporciona para uma quebra de paradigmas do qual estamos muito acostumados, que é ver a guerra como sendo algo exclusivo da figura masculina e dos militares, na sua escrita ela traz uma outra perspectiva que foi o papel feminino nas vilas durante esse período, recuperando uma memória traumática, porém, fundamental para que essa história não fosse contada pela metade, mas sim, de sua forma mais completa, considerando o envolvimento feminino nesse contexto social.

Quando falamos dos rituais, por exemplo, foram as mulheres as protagonistas, os homens, não sabendo mais a quem ou ao que recorrer, sugerem que seja feito o ritual do mbelele e são as mulheres que mesmo em meio a situação precária, organizam com quem deixar seus filhos, superam a vergonha e o cansaço de ficarem nuas perante as companheiras na execução do ritual por horas dançando e cantando. Quando o ritual acaba e essas mulheres retornam a sua vila, são elas que precisam reorganizar a vida em seus lares, cuidar dos filhos e servir aos desejos do marido.

(...) Depois do ritual, as mulheres regressam em nova corrida para socorrer os bebês em prantos, esfomeados, mas os seios estão vazios de leite. Vão para casa mudar de aspecto voltam, nem parecem as mesmas. O cansaço é notório, a respiração é ofegante e os pés caminham em passos cambaios. (Chiziane, 2023, p. 95).

Um outro destaque importante que podemos perceber na narrativa de Paulina Chiziane é de como a figura feminina é procurada como sendo opção de salvação, mas controverso a isso, também é a mulher a primeira a ser acusada pelos homens quando alguma coisa dá errado ou vai mal na sociedade ou em seu lar, a mulher acaba sempre sendo um alvo fácil para designar tarefas e principalmente a culpa.

Quando o personagem Sianga sente fome, devido a seca na terra, a produção de alimentos fica escassa, para que a família não morra de fome, Mínosse, sua esposa, se entrega a outros homens em troca de alimentos. Sianga, incentiva a prostituição da mulher, a fim de conseguir alimento para suprir a sua própria necessidade, enquanto ele fica sentado a espera de milagres a mulher se desdobra em busca de sobrevivência para a família.

Sianga - Por que te assustas? Não é a um macaco velho como este que sou que vais convencer da tua ingenuidade, doce mulher. O teu pilão é mágico, faz nascer grãos de milho e canta quando o celeiro vaza. Traz-me o sustento da tua fonte. Esclarecendo melhor, estou a par dos teus movimentos. O milho que acabamos de consumir veio do celeiro de outro homem, estou a mentir? Não te condeno, é a lei da sobrevivência. Arranja mais um amante que te pague bem, ainda não és tão velha como pensas. (Chiziane, 2023, p. 25).

Também em meio aos rituais, onde uma das regras era não ceder aos desejos da carne, as mulheres que são abusadas pelos seus próprios maridos ao denunciarem o ato, são culpadas

pelos juízes pelo ocorrido, esses alegam que a mulher foi tão culpada quanto o homem, pois ela não impôs limites ao ato do marido. Em nenhum momento na hora do julgamento os juízes levam em consideração que a mulher devido a prática do lobolo e pensamento patriarcal da sociedade é submissa às vontades do marido.

- Sr.Nduna, senhores juízes, venho denunciar o meu marido. Nesta semana tão sagrada ele ousou dormir na minha esteira. Foi mesmo nesta última noite, obrigando-me a desrespeitar e violar todos os princípios.

- O meu marido também, senhores juízes. Passou a tarde de ontem bebendo sura e quando chegou a noite quis dormir na minha esteira. Como eu recuasse, agrediu-me aos gritos, pontapés, vejam, vejam estes arranhões que tenho no pescoço, estas chagas nas costas, vejam, eu não estou a mentir. Eu suportei tudo, mas não caí na conversa dele.

- Bravo, bravo, aqui estão as mulheres de coragem. Muito bem. Vieram até aqui denunciar os vossos maridos. Qual a contribuição por vós dada no sentido de evitar esses desvios?

- !?

- Nada fizeram, bem se vê. Deixaram-nos desencaminhar-se, dormiram convosco, sentiram prazer, agora querem colocar as culpas nos coitados? (...) (Chiziane, 2023, p. 88).

Paulina Chiziane apresenta esses e inúmeros outros relatos que nos fazem refletir perante a realidade da mulher moçambicana, ela consegue aproximar a sua escrita da realidade vivida no cotidiano por essas mulheres, denunciando através de ficção o sexismo, o machismo, o patriarcado e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no lugar que deveria acolher - o lar. Chiziane afirma: “Às vezes não me preocupo muito com a qualidade excelente em termos de língua, em termos estéticos, mas tenho muito mais pressa de descrever o que eu vi, o que eu passei, o que eu senti – quando digo eu, digo eu-comunidade, porque não é um eu no sentido individual.” (Santos, 2015, p. 57). Essa escrita testemunhal nos permite uma visão da realidade mais precisa e significativa.

Uma vez que “o racismo abunda nos textos de feministas brancas, reforçando a supremacia branca e negando a possibilidade de que as mulheres se conectem politicamente cruzando fronteiras étnicas e raciais” (hooks, 2015, p. 195). Termos escritoras como Paulina Chiziane que são fundamentais para auxiliar no reconhecimento e no destacamento da força, da intelectualidade e da realidade da mulher negra, tentando desvincular a imagem dessa mulher como sendo a imagem do “outro” que não tem um lugar definido no mundo e dos silenciamentos desse corpo nas lutas feministas europeias que se limitam a pensar e reivindicar os direitos femininos sem levar em consideração o fator raça.

Se tratando de mulheres brancas e negras nos movimentos feministas, existe uma grande questão que as diferenciam e as distanciam, uma vez que o feminismo branco formado em sua maioria por mulheres de classe média se caracteriza pela busca de direitos a salários iguais, acesso a política e mercado de trabalho, tentando se igualar aos direitos dos homens brancos, o feminismo negro possui uma questão mais profunda, uma vez que suas realidades se distanciam muito da realidade de mulheres brancas. Como destaca hooks, (2015, p. 207) “Certamente, tem sido mais fácil para as mulheres que não vivenciam opressão de raça ou classe se concentrar exclusivamente no gênero”.

Embora as intelectuais negras há muito expressem uma sensibilidade feminista distinta, de influência africana, sobre a intersecção de raça e classe na estruturação do gênero, historicamente nós não temos sido participantes plenas das organizações feministas criadas por brancas [26]. O resultado é que as mulheres afro-americanas, latino-americanas, indígenas e asiático-americanas têm acusado os feminismos ocidentais de racismo e preocupação excessiva com questões relacionadas às mulheres brancas de classe média. (Collins, 2019, p. 38).

Segundo Djamila Ribeiro (2015), tentando promover uma igualdade social, uma característica de muitas feministas negras é que elas não se restringem a se pensar somente como teóricas, mas como ativistas, militantes. Muitas vezes os movimentos feministas negros tiveram que parar a sua luta para se vincular a luta anti-racista, pois de nada adiantaria lutar por uma igualdade de gênero quando o problema da supremacia racial ainda era maior. Por isso, na sequência, os movimentos feministas decoloniais lutam não apenas pela igualdade de gênero, mas sempre abordam também a questão de raça, uma vez que sem um, não se consegue o outro.

Esse conceito de raça, vem de uma criação do europeu, que segundo Mignolo (2017), foi inventado para inferiorizar o que era diferente do seu padrão, com intuito de caracterizar essas pessoas a meros objetos, sem intelectualidade, suprimindo a sua existência apenas para exercer a sua função servil. Por sua vez, o fato da intelectualidade negra, principalmente vinda de fontes femininas ser marginalizada e banalizada em um mundo estruturado racialmente torna o processo de desigualdade mais forte, e o “outro” até então caracterizado pelo colonizador, passa a ter uma luta mais árdua no processo da conquista pela igualdade.

Paulina Chiziane faz um apontamento sobre esse fato da colonização mental afetar tanto a vida dos negros, como o discurso de inferiorização que perpetuou durante o processo colonial afeta de forma direta a vida cotidiana dos negros ainda nos dias atuais, interferindo na forma como eles próprios se enxergam, ela comenta o quão isso precisa ser trabalhado com essas pessoas para que elas mesmas possam ter uma nova visão sobre si e sobre suas

comunidades, sem ser a visão que o mundo do colonizador dissemina.

Eu posso dizer o seguinte: O que acontece no nosso país tem a ver com a educação sim, mas tem a ver com a colonização mental que produziu a auto-negação. (...) O sistema colonial durante cinco séculos sempre considerou o negro como um ser inferior e o próprio negro acabou aceitando o status de inferioridade, então, nós como negros, ainda não habituamos a pensar que somos seres capazes, que somos seres pensantes, e é por essa razão que quando a sociedade ve uma mulher, ainda por cima negra, arguntam logo, onde ela julga que vai? Eu fui, eu cheguei, eu ganhei. (Mozpod, 2023, s/p)

Através desse pensamento, Paulina afirma que é preciso ensinar essa sociedade que o que lhes foi dito durante quinhentos anos não é uma verdade, então, a luta pela libertação das mentes é um trabalho a ser feito para que a população negra volte acreditar em si mesmo, em suas capacidades e culturas, libertar essas pessoas do que foi dito que elas eram, dos traumas, e através de sua escrita ela tenta encorajar mais pessoas negras a levantarem a bandeira das suas culturas e mostrar a elas que não é fácil, mas que é possível. Há a necessidade de haver uma luta para que as novas gerações não sofram mais uma colonização mental, descolonizar o pensamento ocidentalocêntrico.

Sempre atenta, Paulina Chiziane relata as mais sutis formas de submissão da mulher perante o seu marido, trazendo evidências de uma realidade de opressões que ela luta para que não sejam mais o destino dessas mulheres. Quando questionada se viu algum avanço da luta feminista no rompimento de algumas dessas tradições, ela responde:

As coisas estão a melhorar, não posso negar. E falando da minha experiência, quando eu tinha 18 anos, o sonho de uma mulher era casar e ter filhos; ter um empregozinho, casar e ter filhos; fazer um enxoval e noivar. Ficar sentada à espera que apareça um noivo. Esse foi o meu tempo de 18 anos. Passados cerca de 40 anos, a situação mudou muito. As mulheres já partem para uma situação melhor, para uma profissão melhor. Lutam pela sua própria autonomia. Mesmo nas zonas rurais, em que a tradição é muito forte, se hoje se pergunta a uma mãe o que sonha para a sua filha, ela vai dizer que queria que fosse à escola para ter um emprego amanhã. O que é diferente de 20 anos atrás, que a mãe dizia que agora que a filha cresceu tem que iniciar os rituais para achar marido e arrumar a vida. Hoje a visão mudou. Portanto, é lento, mas há mudanças. (Hailer, 2014, s/p).

Mesmo com os passos lentos do avanço contra o racismo e sexismo, olhar para as conquistas é muito importante para que os movimentos de libertação se mantenham e continuem com seus propósitos, a figura da mulher negra africana ainda precisa percorrer um longo caminho para afirmar a sua verdadeira face. Afinal, essa mulher representa força e quando Paulina Chiziane pensa a respeito dessa mulher ao contrário da descrição de que os colonizadores e os próprios homens negros fazem sobre elas. Paulina parte do pressuposto de

que “comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra”. (Chiziane, 2013, p. 199).

Paulina Chiziane através da forma como escreve as suas histórias trazendo nas personagens femininas características fortes e marcantes que representam de fato o que é ser uma mulher moçambicana, promove de certa forma uma descolonização mental, uma vez que a realidade é expressada sem mentiras, sem romantização e sem paradigmas europeus colocados sobre o corpo da mulher africana.

3 MIGRAÇÃO: O MEDO E A VIOLÊNCIA ANDAM LADO A LADO

Cessaram os choros. O terror cedeu lugar à passividade e o povo deixa-se conduzir com cordeiros para o último destino, onde não há princípio nem fim. As lágrimas já não são líquidas, cristalizam, riscam, sangram.

Mas dizem que a vida é bela do lado de lá. Dizem que o céu é mais azul e as nuvens verdadeiras. Do lado de lá, a floresta é pasto, come-se pão de qualquer bananeira, de qualquer papaeira. Dizem que cada arbusto é fonte, bebe-se seiva da palma, da cana e de caju. Do lado de lá há sorrisos e risos e os cansaços repousam no regaço de terra, dizem. (Chiziane, 2023, p. 139).

3.1 A LUTA POR SOBREVIVÊNCIA

Historicamente migrações foram frequentes no Continente Africano, essas por sua vez, sejam internas²⁰ ou externas (não é nosso objetivo descrever sobre a diáspora africana para às Américas²¹), em geral ocorriam em contextos turbulentos no qual estavam atrelados a violência, questões climáticas e catástrofes ambientais, os motivos pela busca de um lugar melhor para viver eram inúmeros, porém, muitos eram os casos onde a migração não se apresentava de forma voluntária, como sendo uma decisão do grupo ou individual, mas sim forçada, ou seja, comandada pelo colonizador.

Após a conquista da independência essas migrações forçadas amenizaram em Moçambique, pois o colonizador não exercia mais o seu poder no território e sobre a população, porém, o contexto da Guerra Civil (1977 - 1992) afluou o processo de migrações internas, principalmente, da população rural onde os grandes fatores eram a fuga das áreas de combate, a escassez de alimento causada por questões climáticas e também destruição da guerra nessas localidades, essas pessoas optaram principalmente em buscar abrigo nas cidades, porém, uma grande parcela migrava para outras vilas rurais.

Durante a guerra, foram, portanto, muito intensos os movimentos e deslocamentos de pessoas internamente, muito mais do que durante o período colonial. Em ambos os países, a guerra obrigou ao êxodo rural, para longe das áreas de combate, que foram sobretudo as rurais, e em direção às cidades, onde o Governo pôde, de forma mais prolongada, manter algum controlo e protecção. Além disso, a guerra destruiu sistemas de subsistência e as poucas infra-estruturas no campo, obrigando assim também a população a procurar melhores condições de vida nas cidades. (Rodrigues, 2018, p. 453).

Após grande parte das áreas rurais serem devastadas pela guerra civil ou a precariedade de sobrevivência devido a questões climáticas (escassez de chuvas), inicia-se o processo de migração por parte desses moradores, eles traçam fugas com intuito de garantir a sobrevivência e encontrar um novo lugar para se estabelecer. O fluxo de migração desses

²⁰ Indicamos: Patrício, G. V., & Peixoto, J. (2018). **Migração forçada na África Subsaariana: alguns subsídios sobre os refugiados em Moçambique**. REMHU, Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana, 26(54), 11–30. <https://doi.org/10.1590/10.1590/1980-85852503880005402>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/SvC3Fv66p7x7dWzpcVcxk4r/?format=pdf&lang=pt>

²¹ Indicamos: HEYWOOD, Linda. (Org.) **Diáspora Negra no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

indivíduos predomina entre campo-cidade, pois é nas cidades que buscam possibilidades de emprego e isso “desencadeia uma transferência cultural que, aliada a relações conflituosas e desiguais, leva ao surgimento de espaços de segregação caracterizados por um proeminente dualismo rural-urbano”. (Patrício, 2016, p. 83).

A resistência desses migrantes rurais em manter seus hábitos e cultura mesmo ao adentrar e se estabelecerem nos meios urbanos pode ser pensado como uma alternativa para manter a sua identidade, afinal, mesmo essas migrações ocorrendo em contextos internos, a perda de identidade dos imigrantes é algo que os acompanha nessa trajetória, uma vez que o país se configura como multicultural.

A imperfeição rural, arrolada à pobreza, doenças calamitosas, fome brutal e à guerra desembocaram nos processos migratórios dentro e fora das aldeias. Consoante OGOT (2010), os pressupostos causais do processo migratório em Moçambique englobando vários segmentos da sociedade – indivíduos, famílias inteiras e os grupos de aldeões – são complexos. Ademais as causas da migração, no continente africano, destacam-se como principal grupo de migrante, os refugiados. Estes são indivíduos, ou famílias inteiras, que fogem da área de conflito, da fome e da seca e que veem as cidades e as vilas moçambicanas como atrativas, pois oferecem melhor infraestrutura socioeconômica e cultural. (OGOT, 2010 *apud* Santos, 2023, p. 30).

O medo e a violência são fenômenos constantes que acompanham esses migrantes, as memórias dos massacres, das mortes de familiares, amigos e conhecidos, da perda de seus bens materiais, das suas casas, a miséria e a fome se apresentam frescas na memória de cada indivíduo, e a possibilidade de mais desastres acontecerem no caminho que percorrem é quase uma certeza. O período de migração não é nada simples, mas se torna uma alternativa de sobrevivência.

Rememorando em suas narrativas esse contexto de migração e violência, Paulina Chiziane (2023) inicia o segundo capítulo do livro *Ventos do Apocalipse* com a frase de uma canção popular changane “Cada dia tem a sua história”, no decorrer do capítulo é possível interpretar como essa frase se faz presente na esperança do povo de Managna que migra em busca de um novo lugar para se refugiar da guerra civil e das catástrofes ambientais. Esse trecho se torna um consolo, pois se cada dia tem a sua história, podemos pensar que o dia de amanhã possa ser melhor, que possa ter uma história melhor para ser contada, afinal, para esses sobreviventes narrados não há nenhuma certeza durante a migração além de que precisam sobreviver um dia de cada vez.

A partida tem sabor a areia solta, a sede, a poeira seca, o sol é demasiado forte e o calor destila. Caminham. Os corpos vivos marcham como sepulcros, como duendes, como sombras mortas. Arrastam consigo todos os haveres que lhes restam, para o novo mundo, para o recomeço da vida ou para o prolongamento da agonia. (Chiziane, 2023, p. 140).

A busca por sobrevivência desses personagens nos causam sensibilidade, pois tendo

em vista que a escrita de Paulina Chiziane é feita com base na escrevivência, por mais que a história não contemple uma verdade absoluta, possui traços de realidade. Por essas características a literatura acaba proporcionando também um espaço para se pensar no imigrante interno em Moçambique, na dificuldade para manter a sobrevivência no meio a tanta violência e também na forma como os estes lidam com a perda de identidade dentro do próprio território ao terem que se deslocar das suas aldeias ou cidades.

A luta por sobrevivência do povo de Mananga leva-os a uma série de ações na luta pela vida, a fome faz com que consumam tubérculos cru, mesmo sabendo que esses possuem toxinas se não cozidos, levando-os a uma diarreia que para muitos devido a fragilidade dos corpos e organismo é letal, mas como nesse espaço de violência o fogo poderia atrair o inimigo²² e a fome os corroia, a opção de ingerir esse alimento se tornou a mais viável.

No décimo quinto dia, os viajantes não marcharam, arrastaram-se. O estômago revolta-se e provoca uma dor de barriga estonteante que enfraquece o corpo. Tudo que entra na boca o intestino vaza, nunca se viu uma diarreia assim. É da água, gente, é da erva dos porcos e dos tubérculos doces que ingerimos, comida de bicho nunca foi para os homens, não! (Chiziane, 2023, p. 174).

A necessidade de continuar na busca por um local seguro é uma tarefa exaustiva, pois a caminhada os massacra a cada novo passo, após uma travessia feita pelo rio, o restante da comida que restava apodrece ou se perde em meio às águas, os corpos ficam e encharcados e a necessidade do sol que não aparece os torna ainda mais enfermos, a mãe que carrega no colo seu bebê recém nascido torna-se incapaz de sozinha prover o calor necessário para manter a vida do mesmo. “Os braços da mãe são insuficientes para lhe dar calor e ela está preocupada. A água amoleceu as crostas das feridas dos peregrinos, arrastou-as, sangram de novo e provocam terríveis dores que não conseguem abrandar a marcha que se prolonga até a madrugada” (Chiziane, 2023, p. 170).

Alguns migrantes não aguentaram viver mais um dia para tentar contar uma nova história, o suicídio se tornou uma opção mais confortável perante a realidade que estavam passando. As alucinações e delírios se tornavam constantes em muitas mentes, tamanho era o sofrimento que a sanidade não os cabia mais, essa era dolorosa, tão dolorosa que seria melhor endoidecer do que continuar lembrando e revivendo o que se passou e tremendo o que poderia vir a acontecer.

As condições insalubres e a precariedade de alimento e água era tanta durante a migração que, quando esses refugiados chegam finalmente ao seu destino final e encontram a

²² O inimigo nesse momento é tratado no livro tanto como sendo os animais da floresta que podem ser atraídos pelo fogo e atacar os migrantes, como os próprios inimigos de guerra, que podem localizá-los através da fumaça ou pelo cheiro da comida a ser preparada.

vila do Monte a aparência não os distingue, os corpos são extremamente doentes e magros, a ponto de os envergonhar e sentir nojo da própria imagem. “Abandonam a mata e seguem a estrada do Monte e, no meio da claridade solar, espelham-se uns nos outros. São todos iguais. Não há velhos nem novos, a turbulência da vida nivelou-lhes as idades. Não se distingue o homem da mulher pelos contornos do corpo.” (Chiziane, 2023, p. 176).

Adentrando mesmo assim na nova vila, os migrantes de Mananga que sobrevivem durante o percurso encontram ali um certo conforto e tentam se restabelecer, as esperanças são renovadas e a solidariedade do povo do Monte os sensibiliza. Eles curam o seus corpos enfermos e as suas almas que também sangram, o processo não é rápido e estar ali não significa que o inimigo não possa chegar a qualquer instante, mas eles continuam tentando e com esperança na vida renovada.

Além das dificuldades dos processos migratórios, a obra nos permite pensar sobre a violência que o povo negro precisou passar, por mais que o recorte temporal do livro seja durante o período da guerra civil moçambicana, o narrador, na segunda parte do livro comenta as dores milenares pelos quais o povo negro sofre, sendo possível associar este sofrimento com as inúmeras lutas travadas por liberdade que os habitantes de Mananga passam durante a fuga por sobrevivência.

O ser humano habitua-se a tudo, dizem. Mas mentem. Com o sofrimento constante ninguém se irmana, ninguém se conforma. Mesmo no braseiro do inferno os condenados suspiram por um instante de paz. O sofrimento é milenar na história do homem negro e este jamais se conformou. Faz guerras. Revoluções. Luta. Umaz vezes perde e outras ganha. O povo inteiro sofre e mergulha na turbulência dos sentimentos de ódio e de rancor contra Deus e contra homens. (Chiziane, 2023, p. 163).

Sabemos que as relações de violência por parte do colonizador sempre foram presentes e permanecem até os dias atuais, é uma violência que vai além dos castigos físicos, é também uma violência mental, racial e cultural, onde o negro pela visão do europeu foi animalizado, sexualizado e tratado como um mero objeto de trabalho. Por mais que vivenciamos o fim da escravidão os resquícios da mesma permanecem ainda vivos na vida dos homens e mulheres negras dentro e fora da África, o colonialismo mental e o pacto da branquitude tornam esse processo vivo.

No livro *Os condenados da terra* Frantz Fanon comenta os processos violentos que o colonialismo utiliza para se estabelecer e para o colonizado conseguir se livrar desse intruso, seria apenas cometendo uma violência ainda maior, “(...) o colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado puro, e só se curvará diante de uma violência maior”. (Fanon, 2022, p. 58). Nesse contexto de tomada de

consciência por parte do colonizado, surgem as revoltas e as guerras por liberdade.

Através desse apontamento do narrador juntamente com o pensamento de Fanon (2022) é possível partir para uma análise de como o sofrimento do negro é algo inacabado, tal sofrimento causado não apenas por processos naturais ou ambientais, mas sim pelo colonialismo, que maltrata e aliena. O negro para garantir a sua sobrevivência e também a sua dignidade acaba por combater com esse colonizador intruso, mas o fato de expulsá-los de suas terras ou traçar o fim da escravidão não acabam com todos os problemas, o racismo é estrutural e foi alimentado por tantos anos que modificou inclusive a forma como os próprios negros se enxergam perante a sociedade.

Tendo sua cultura banalizada pelo europeu, os africanos mesmo após os processos de independência política, tiveram dificuldades em se reconhecer novamente, a importância religiosa o culto aos defuntos é um exemplo disso. Neste campo religioso, religiões africanas (não monoteístas) até os dias atuais são taxadas de “magia negra” como sendo um mal, algo perverso, tal como quem a executa. Em *Ventos do apocalipse* a narrativa nos indica o de como para os mais antigos a religião explica muita coisa sobre o mundo, como manter vivo os ensinamentos dos antepassados é valioso, enquanto para os mais novos que tiveram contato direto com o colonizador essas heranças vão se perdendo a ponto de muitas vezes serem banalizadas.

Em um diálogo na vila do Monte entre homens mais velhos e os jovens, surge a ideia de agradecer a vida e a salvação que o povo de Mananga conquistou após a migração, uns sugerem uma grande festa de ação de graças para celebrar as conquistas e a vida, pensam em chamar o padre para rezar uma missa, os mais velhos também se empolgam e dão a ideia de junto a isso fazer também uma festa aos defuntos, essa ideia causa reboliço nos mais novos que já não cultuam essa tradição, e por sua vez ocorre o seguinte diálogo:

- Uma cerimônia para os defuntos? Vós sois mais casmurros que os burros, ó velhos. Os mortos são para ser esquecidos. (Chiziane, 2023, p. 251).

(...)

- Minha gente. Falar dos defuntos não é falar dos corpos mortos, das caveiras, dos ossos, da cinza e do pó. Falar dos antepassados é falar da história deste povo, da tradição, e não do fanatismo cego, desmedido. Não há novo sem velho. O velho lega a herança ao vivo. O novo tem a sua origem no velho. Ninguém pode olhar para a posteridade sem olhar para o passado, para a história. A vida é uma linha contínua que se prolonga por gerações e gerações. Aquele que respeita a morte respeita também a vida. Acreditar nos antepassados é acreditar na continuidade e na imoralidade do homem. (Chiziane, 2023, p. 252).

Nessa troca entre a opinião dos mais velhos que defendem e atribuem um papel de

importância para os defuntos diferente da opinião dos mais jovens, na qual as crenças e tradições antigas já não possuem mais tanta valia, vemos os resquícios da colonização europeia nos territórios africanos, a religião imposta pelos mesmos foi o cristianismo que acreditava que o Espírito Santo era o mais poderoso entre os espíritos e por isso deveria ser a ele a quem os africanos deveriam seguir para alcançar a salvação e se livrar dos espíritos malignos. Esse legado do colonizador foi se ampliando nos territórios após a independência dos países: “A crítica à “tradição africana” encontra-se, portanto, mais explícita nas igrejas pentecostais, que em anos recentes têm proliferado exponencialmente na África Austral, em geral, e em Moçambique, em particular” (Fry, 2000, p. 75).

A crença no Espírito Santo vai diretamente contra a tradição Bantu, predominante em Moçambique, a qual acredita nos espíritos dos antepassados, esses mesmo após a morte, continuam a interferir diretamente na vida dos vivos, são eles também que fazem a ligação entre os vivos e Deus. Malandrino (2010, p. 58) nos explica melhor essa relação quando comenta que; “O antepassado é importante porque deixa uma herança espiritual sobre o mundo visível, tendo contribuído para a evolução da comunidade ao longo da sua existência e, por isso, é venerado”.

Contudo, em meio a tantas interferências culturais, grande parte da população rural de Moçambique conseguiu manter viva algumas das suas tradições religiosas, tanto que, para muitos, a explicação para a sociedade estar passando por problemas seria devido à vingança dos defuntos pelos males causados pela guerra civil, esse aspecto é presente na narrativa de Pauline Chiziane, quando traz a visão dos antigos sobre os problemas que ocorrem no mundo, justificando como sendo um castigo dos defuntos.

- Entendo-te, meu jovem. Bebesse muito do pensamento estrangeiro. Os nossos antepassados vingam-se de todos aqueles que desprezaram e abandonaram os seus ensinamentos. Olhemos em nosso redor. A fúria dos antepassados reside à nossa volta e está à vista. Verifica-se uma decadência total em todas as esferas da vida. São guerras, São cheias, São secas. Os casamentos já não duram. A esposa prostitui. O pai dorme com a filha, o filho mata a mãe. O povo está coberto de doenças que nunca mais curam. Nas cidades as pessoas são queimadas vivas na presença das crianças, porque roubaram um pato ou uma laranja. Já não se respeita a vida, muito menos a morte. (Chiziane, 2023, p. 253).

Devido a essa característica muito marcante do processo colonial que afeta drasticamente povos africanos, a desconfiança do colonizador por parte dos sobreviventes de Mananga e dos moradores da vila do Monte é traçada na obra, quando questionados quem os ajudariam, um jovem comenta que a ajuda virá da Europa, e se entusiasma com isso, enquanto os mais velhos se preocupam, pois o legado que foi deixado pelos europeus foi de destruição, de ganância e exploração. Assim surge uma crítica a que ajuda seria essa.

O passado, os grandes homens da Europa em sessões magnas, festins e banhos de champanhe dividiram o continente negro em grandes e boas fatias, escravizaram, torturaram, massacraram e deportaram as almas destas terras. Hoje, gente oriunda das antigas potências colonizadoras diz que dá a sua mão desinteressada para ajudar os que sofrem. É preciso acreditar na mudança dos homens, eles sabem disso, mas a sabedoria popular ensina que filho de peixe é peixe e filho de cobra cobra é. Todo mundo sabe que nesse mundo cruel, ninguém dá nada em troca de nada. (Chiziane, 2023, p. 243)

As feridas causadas pelos colonizadores provocam dúvidas nos mais velhos, se questionando que ajuda seria essa? Uma vez que parte das mesmas mãos de quem os escravizou e deixou sequelas em toda a nação. O discurso do colonizador não é bem aceito por aqueles que tomam consciência e conseguem minimamente restabelecer a conexão com suas origens e passado.

3.2 A RELAÇÃO DAS MULHERES DURANTE E APÓS A MIGRAÇÃO

Em muitos momentos durante a leitura da obra as vozes das mulheres foram destacadas, assim como as suas relações, seja entre Minosse e a sua filha Wusheni, seja nas conversas que Minosse tinha com seu marido, na relação entre as moradoras da vila de Mananga e até mesmo na voz do narrador a mulher era papel de destaque, porém, chegando no segundo capítulo, essas vozes se calam em um primeiro momento.

Esse silêncio, proposital ou não, pode ser considerado como uma metáfora para pensarmos no silenciamento das mulheres na história, por muito tempo as mulheres, principalmente negras foram excluídas da sua própria história, não foram incluídas nos registros e eram silenciadas, mas nem por isso deixaram de existir, de exercer um papel importante, basta querer enxergá-las que os vestígios das suas identidades, contribuições e participação ou até mesmo da exclusão saltam aos olhos. Na obra *Ventos do Apocalipse* esse silenciamento da mulher parece justamente isso, por mais que suas falas não sejam apresentadas, é evidente que elas ainda estão ali e principalmente, garantindo a sobrevivência do grupo, a presença delas em meio a esse silêncio, ainda é notável.

A personagem Minosse no início do segundo capítulo compõe os migrantes, é uma estrangeira no próprio país, inicia a busca por um novo lugar para viver junto aos outros sobreviventes da vila de Mananga na qual residia. A palavra estrangeiro aqui se refere às pessoas que perderam quase tudo e passam a ser “estranhas” em seu país, por juntamente não se reconhecerem mais em meio a tantas perdas, no caso de Minosse, a perda da família, da casa e da sua cultura. “Todo estrangeiro é um sobrevivente, uma vez que sobrevive à perda do espaço, da terra, da língua, enfim, sobrevive à perda do familiar. Sobrevive apesar das

adversidades que representa e da hostilidade recebida.” (Ferreira, 2010, p. 12).

Junto a esse conceito do estrangeiro, podemos pensar no que Patricia Hill Collins (2016) chama de *outsider within*, ou em uma tentativa de tradução “forasteiras de dentro”, “estrangeiras de dentro”. A mulher negra em meio a sociedade, carrega o status de estrangeira por de certa forma estar presente neste meio mas não usufruir dos poderes nele existentes. Ou seja, estão as margens e por isso a identificação e os direitos são uma busca constante e pauta levantada na luta feminista negra.

Minosse carrega a dor de uma mãe em luto, durante a sua caminhada junto com os outros migrantes, ou viajantes involuntários como são caracterizados no livro, se dirige para um novo lugar, um lugar cheio de incertezas, onde o seu status de estrangeira irá lhe acompanhar, mas isso parece que não há abala mais, as dores causadas pela fome e pela guerra tornam-a uma espécie de fantasma, como se o narrador quisesse transmitir um corpo sem expectativas, sem vida, apenas sobrevivendo em meio ao caos para que quem sabe um dia consiga contar uma nova história.

Na viagem fantasma, a velha Minosse vai à frente e nem os homens fortes conseguem seguir os passos dela. Caminha leve como uma pena. Todos se espantam. Os desgostos fizeram dela uma pessoa morta. Ela é um fantasma. Os fantasmas não têm corpo e nem sentem peso. Ela caminha leve e livre mesmo sem saber para onde vai. (Chiziane, 2023, p. 147).

Podemos pensar no corpo dessa personagem representando o luto e os deslugares de muitas mulheres em situação igual ou parecida. Criadas desde pequenas para cuidar do lar, do marido e dos filhos, se veem perdendo tudo isso, o que sobraria dessas mulheres então, se tudo o que aprenderam se esvaiu em meio a calamidade ocasionada pela guerra?

A maioria dos sobreviventes que saíam das suas localidades em Moçambique durante a guerra civil e migraram para as cidades ou para outras vilas rurais eram mulheres e crianças, as mulheres por sua vez precisavam enfrentar diversas situações relacionadas ao corpo, como a higiene durante os períodos menstruais, amamentação, e em meio a todo o caos ainda eram provedoras de vida, alguns bebês nasciam em meio às fugas. A maternidade foi um grande desafio durante a migração, os recém nascidos, por exemplo, em várias esferas simboliza perigo, pois poderiam chorar e fazer barulho a qualquer momento, entregando o grupo para os inimigos ou para os predadores da floresta.

Vamos a um relato sobre o parto de uma mulher na condição de migrante apresenta toda agonia envolvida em meio ao ato que não poderia ser evitado. O medo e desespero fazem parte da cena, é possível notar que existem dois tipos de comportamento durante o ocorrido, há vozes de medo que clamam por silêncio, essas partem dos homens, enquanto as mulheres

se organizam para auxiliar no parto e confortar a futura mãe.

Os ouvidos sonolentos de alguns captam gemidos dolorosos de mulher. Despertam. Os olhos apreensivos procuram à volta e descobrem. Maldição. Talvez tenha dormido sobre o covil da cobra mamba. Os mais próximos cercam-na. Ela rebola e sangra, mas ninguém lhe descobre a ferida. Olham o ventre farto com indiferença. Nada lhes desperta. Ela fala e explica. Meu Deus! Vai ter a criança logo aqui. Vai gritar até despertar os tímpanos do predador, amordacem-na. As matronas aproximam-se e levam-na para um canto de relativa segurança. Doane acorda em sobressalto, alguém o desperta. As mulheres trocam palavras apressadas. As cigarras atrevidas calam-se para dar lugar às vozes sussurradas dos homens que discutem. (Chiziane, 2023, p. 151).

A união das mulheres garante a sobrevivência da mãe e da criança, o pai, chamado Doane, está tomado de culpa e medo por ter sido progenitor da vida que poderia colocar em risco a sua sobrevivência e a do seu grupo, o narrador descreve esse personagem em meio aos seus delírios de medo e ódio, mas mesmo assim nesse comportamento, o narrador nos apresenta margens para acreditar que os seus pensamentos não fugiam de algo que o personagem acreditava ser possível. O machismo exacerbado que evidenciou esse personagem é mais um relato de como as situações poderiam ser resolvidas, colocando a culpa nas mulheres e depois eliminando-as.

Doane verte todo pote de lágrimas que está dentro dele. Os grandes olhos avermelham-se com uma névoa de sangue. Fulmina a esposa com os olhos loucos derramando sobre ela um ódio mortal, porque o nascimento daquele filho pode significar a sua morte caso o inimigo deambule por aquelas paragens. Move as mãos nervosamente. Os dedos tremem de desejo intolerável de se enterrar no pescoço magro da mulher que geme, até o corpo sucumbir à força dos dedos estranguladores no tapete de relva. E a maldita criança sucumbiria no ventre da mãe. Depois fugiria para o Monte onde iria construir uma nova família, e talvez até se casar com uma mulher mais bonita e mais nova do que aquela. (Chiziane, 2023, p. 152).

Nas sociedades poligâmicas²³, como é o caso da vila de Mananga, o homem que era o chefe da família e poderia ter quantas mulheres o seu dinheiro conseguiria lobolar. Era comum que tivessem mais de uma esposa para servir às suas necessidades. Essas, por sua vez, imersas na cultura eram desde cedo ensinadas a realizar os ofícios domésticos e cuidar dos filhos e do marido.

Outro exemplo que aparece em *Ventos do Apocalipse* criticando essa prática do lobolo é após a chegada dos migrantes de Mananga na vila do Monte. Mara uma jovem do Monte se encanta pelas histórias contadas pelos “viajantes involuntários” sobre a coragem do líder Sixpense que os guiou durante os vinte e um dias de migração, ela decide que vai cuidar de

²³ Em sua obra *Niketche: uma história da poligamia*, Paulina Chiziane trata um pouco melhor sobre a cultura poligâmica de Moçambique e como essas sociedades conservadoras, machistas e patriarcais afetam a vida das mulheres que vivem nessa condição de matrimônio poligâmico. Na obra, a autora critica esse papel de submissão da mulher moçambicana e busca evidenciar o empoderamento feminino através da união das esposas de Tony, que juntas conseguem alcançar as suas próprias identidades. CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história da poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

suas feridas, que vai ajudar o guerreiro que está tão enfermo a reviver. Ela que foi lobolada por José enfrenta a fúria do noivo ao descobrir que andava tendo contato com outro homem, mesmo que nesse primeiro momento o sentimento que ela tinha por ele se restringia a uma sensação de maternidade, provedora de vida.

- Mara, o que levas aí? O que te deu para passares a vida a cheirar as chagas abertas de um leproso?
- Não fales assim, eles são seres humanos, José.
- Falo sim, porque tenho autoridade sobre ti. Lobilei-te, minha noiva, e só irás para onde eu quiser.
- Pois vai ver que não é bem assim.
- Vais dormir com ele, minha cabra. Gastei o meu dinheiro comprando-te, prostituta sem-vergonha.

A predominância da autoridade na voz de José nesse diálogo e os xingamentos que faz a sua noiva mostram o quanto na visão do homem, a mulher lobolada era uma propriedade sua. E como comenta Miranda (2010, p. 3) “O lobolo que já coisifica a mulher em épocas normais, em situações extremas, como em casos de guerra, ganha maior importância e, por consequência, expõe mais ainda a mulher à condição de mercadoria”.

Em Moçambique, como já comentado anteriormente, a união das mulheres durante os períodos de guerra é algo muito marcante, a união delas para libertar o país do colonialismo e posteriormente na guerra civil, junto com o partido da Frelimo, onde impulsionam vários movimentos de conscientização da mulher, e lutam também contra algumas práticas presentes no país que inferiorizam a mulher, como é o caso do lobolo.

Mas para além das críticas referente a inferioridade da mulher na sociedade moçambicana, Paulina Chiziane levanta a questão da maternidade, mas antes de citar trechos da obra em que isso é evidenciado, vivido e almejado pelas personagens, apresento o que Patricia Hill Collins (2019) comenta sobre a maternidade negra, e que nos proporciona pensar de uma forma crítica sobre o assunto, ela comenta como a maternidade pode se apresentar de formas diferentes para cada mulher, não sendo um sentimento único e universal.

(...) a maternidade pode ser um espaço no qual as mulheres negras se expressam e descobrem o poder da autodefinição, a importância de valorizar e respeitar a si mesmas, a necessidade de autonomia e independência, assim como a crença no empoderamento da mulher negra. Essas tensões fomentam um espectro de respostas. Algumas mulheres veem a maternidade como um fardo que sufoca sua criatividade, explora seu trabalho e as torna cúmplices de sua própria opressão. Para outras, a maternidade promove o crescimento pessoal, eleva o status nas comunidades negras e serve de catalisador para o ativismo social. (Collins, 2019, p. 333).

Durante o segundo capítulo do livro a questão da maternidade e da união das mulheres em prol da vida e sobrevivência acaba ficando mais perceptível, vemos o amor e o desejo da maternidade em algumas personagens, bem como algumas frustrações. A maternidade aparece também de diversas formas, sendo a de sangue, a de consideração ou

criação. Essas mulheres mães, não restringiam seus cuidados apenas as suas crianças, elas tinham uma relação de cuidado também com a comunidade, sendo provedoras de vida dessas também, auxiliando com seus cuidados, práticas de curandeirismos e afetos.

Paulina Chiziane descreve um breve exemplo desse zelo que as mães tinham para com a comunidade. Quando a migração atinge um certo ponto, eles encontram cadáveres de outros fugitivos da guerra que provavelmente assim como eles, adentraram a mata em busca de salvação, em meio a esses defuntos há uma criança viva, é ainda um bebê de colo que está demasiadamente nojento pois ficou dias em meio aos corpos mortos e manuseando o crânio da mãe. Os de Mananga recolhem a criança e sabem que em meio as mulheres que compõem o grupo, muitas ficarão felizes em criar esse bebê.

Recolhem a criança com a capulana da outra morta. Aquelas mãos calorosas habituadas a mexer em excrementos não conseguem fazer o contacto direto com o corpo da criança, embrulham-na primeiro e depois levam-na para para o esconderijo. No meio do grupo há muitas mulheres que perderam os filhos que ainda mamavam. Elas são boas e cuidarão desta com muito amor. (Chiziane, 2023, p. 162).

Outro exemplo sobre a maternidade é quando alguns jovens atacam os de Mananga com o intuito de matá-los, mas alguns homens com uma emboscada conseguem capturar esses jovens, descobrem que um deles é filho de uma das mulheres que estava junto ao grupo, “Mani Mossi chora de mansinho de cabeça encostada no ombro de uma companheira, não é fácil para nenhuma mãe deste mundo aceitar que o seu ventre gerou um monstro” (Chiziane, 2023, p. 166). Durante o período da guerra civil em Moçambique era muito comum adolescentes saírem de casa para se juntar aos partidos políticos que lutavam pelo controle do país e, posteriormente, atacavam as próprias vilas onde moravam.

Já o sentimento de maternidade desenvolvido por Mara surge a partir da vontade de cuidar e curar Sixpence, o líder da migração do povo de Mananga. O primeiro sentimento de zelo que ela sente pelo homem é atrelado a maternidade, talvez porque em uma sociedade na qual o casamento era uma forma de contrato, não se desenvolvia esse sentimento naturalmente pelo marido, mas sim pelos filhos. Ela dedica os seus dias a alimentar e curar as feridas do enfermo.

Abandona o local, vai para casa e volta. Taz uma bacia e um pote de água, uma tesoura, um pente e um embrulho de roupas velhas tiradas do roupeiro do pai e do noivo. A vontade de fazer viver o estranho é mais forte do que ela. O moribundo é como o filho que ainda projeta para o ventre virgem., cuidar dele é como dar à luz, dar a vida. De resto, ela acha a coisa mesmo divertida. (Chiziane, 2023, p. 186).

Ambos os exemplos mostram que em sua obra, Paulina Chiziane preocupa-se em trazer a questão da maternidade, e como as mulheres moçambicanas do período lidam com

isso, como a maternidade é algo desejada por elas desde novas, talvez por que aprenderam a pensar e a desejar isso, e talvez porque é na maternidade que muitas se encontram, veem sentido no seu papel de provedoras de vida e podem aplicar o que suas mães, tias, irmãos mais velhas e avós as ensinaram.

Para a personagem Mínosse, a perda de seus filhos durante a guerra fez com que se fechasse para o mundo, ficasse alheia a comunidade, restava a ela as lembranças que não eram boas, que atormentam-a a ponto de enlouquecer de medo, os tormentos do falecido marido ainda soam em seus ouvidos e a dor da perda de seus filhos ainda dói, ela se vê sozinha e sem perspectivas na nova aldeia.

Os de Mananga navegam na nova vaga, mas Mínosse permanece na margem da onde ninguém entende bem por quê. Vive solitária recolhida no seu mundo de guerra e paz. Sentada na margem do riacho não dá conta do tempo. Em todas as manhãs, o sol encontra-a já sentada no penhasco de onde observa o parto de cada manhã, a evolução do dia até a cor da agonia. Do velho Sianga herdou, sem dúvida alguma, a missão de guardião do sol. Na luz do dia sente-se mais segura e mais leve, mas quando a noite cai, a vida pesa-lhe como um caixão de chumbo. As turbulências da guerra emprestaram-lhe novas formas de vida e nova visão do mundo. (Chiziane, 2023, p. 197).

Mas Mínosse também é um exemplo, assim como as outras mulheres que encontram na maternidade um novo sentido para a vida. Quando ela fica sabendo do menino chamado Mabuluco, um órfão que vive em condições de abandono na vila, dormindo nas ruas e se alimentando do que encontra na natureza e nas lixeiras, se compadece com a sua situação e recorda de Dambuza seu falecido genro que, ainda quando viviam em Mananga, veio de outra aldeia morar com sua tia Mafuni depois da morte da mãe e abandono do pai, a tia fazia-o de escravo até expulsá-lo de casa, e assim como Mabuluco era negado pela sociedade por ser diferente, por vir de fora, por ser de certa forma um estrangeiro no meio daquela gente. Neste contexto, Mínosse resolve adotar Mabuluco, reconstruindo assim uma parte da família que perdeu por causa da guerra e da fome.

- Vem, menino. Dar-te-ei pão e abrigo e tu dar-me-ás o conforto da tua companhia. És três vezes órfão, eu sei. Os teus pais morreram, os defuntos te abandonaram e o povo inteiro te renega. Quero ser a tua mãe e a tua avó, não tenho medo das maldades que dizem que tens, porque sei que não tens nenhuma. A questão de fundo é a fome, meu filho, é a fome, todos sabem que albergando-te terão mais alguém para alimentar, Vamos, levanta-te, vem comigo. (Chiziane, 2023, p. 210).

Quando o menino aceita ir viver com ela, é no conforto de uma companhia que ela dá adeus aos seus medos e alucinações que derivam dos assombros do passado. “Mínosse não tem pesadelos, hoje. A tenda é mais confortável porque tem aconchego humano” (Chiziane, 2023, p. 211), a presença do menino ali faz mais bem para Mínosse do que pudera imaginar. Ela protege-o como uma mãe e ele lhe proporciona o aconchego de uma família.

No decorrer da história Minosse adota mais três crianças, a menina Sara e seus dois irmãos menores, Mabebene e Muzondi. Esses viviam em situação deplorável na casa de uma senhora - mencionada na obra como megera ou bruxa - que explorava o trabalho das crianças e em troca mal dava a eles o que comer, a situação dessas crianças é denunciada pelo próprio Mabuluco, que se dizia ser amigo de Sara na época em que ainda não havia estourado a guerra. Minosse, inconformada com a vida que as crianças levavam, convida Sara e seus irmãos para morarem com ela também, agora ela era a mãe e pai que essas crianças perderam. “(...) Minosse chora de alegria e dor. Sente em si a mulher mais feliz do universo. Nunca antes imaginara encontrar no desterro a família sepultada nas areias de Mananga.” (Chiziane, 2023, p. 221).

Com a adoção das quatro crianças, Minosse retorna a vida, os dias que passa imersa em seus pensamentos sem contato com o restante do moradores do Monte dá lugar a uma Minosse que conversa sobre seus filhos com outras mulheres, que volta a realizar as atividades no campo, plantando e colhendo, ela participa ativamente da sociedade e ensina o que sabe para seus novos filhos, a vida volta a ser feliz e a fazer sentido.

Minosse conseguiu realizar um pedaço do seu sonho. Os meninos órfãos confiam nela. Vivem com a sua proteção. Semeiam os campos orientais por ela. Ensina-lhes as manhãs da terra os segredos das sementes, as voltas da água e os movimentos do vento. Ela não pode ensinar mais do que isso. Lamenta o facto de não haver na aldeia uma escola onde possam aprender outros modos de vida porque o mundo moderno tem exigências que ela desconhece. (Chiziane, 2023, p. 222).

Minosse passa a ensinar aos meninos o que sabe, mas também compreende que o mundo exige das novas gerações mais do que ela pode proporcionar. O conhecimento de Minosse se limita a atividades manuais que aprendeu com as mulheres de sua família, e essas giravam em torno de cuidar do lar e da família, ou seja, elas faziam os trabalhos invisíveis, porém, esses trabalhos são o que mantém a sociedade funcionando, quanto a educação escolar, quando havia, era restringida para os meninos, a estes cabia o conhecimento “intelectual”.

A educação informal perturba Minosse, mais ainda, quando ela pensa em Sara, e em todas as meninas que não possuem mulheres que possam aconselhar sobre a vida e sobre seu corpo, quando Minosse sente a morte, imagina como a menina irá aprender os valores femininos se não terá quem converse com ela sobre isso. E junto a isso a falta de uma educação escolar (formal) que irá proporcionar a elas e as outras crianças e jovens oportunidades melhores na vida adulta.

(...) Olha para Sara. Entristece. Tem agora dez anos e quando atingir os catorze terá uma beleza perfeita. Mesmo assim já é uma mulherzinha e os mamilos começam a engrossar no peito. Sinto que vou morrer. E em breve. Ela não terá ninguém para lhe

desvendar os segredos da vida. De onde virá a voz amiga que lhe falará das coisas deste mundo na hora do despertar? Recorda os tempos da sua puberdade, rodeada de mães, tias, avós, dizendo-lhe de mansinho: já és mulherzinha, querida Minosse. Quem irá aconselhar a Sara e todas as meninas sozinhas no mundo? (Chiziane, 2023, p. 246).

Paulina Chiziane, em sua escrita procura criticar algumas tradições que oprimem mulheres a acessar seus direitos, mas para além disso relata a realidade de muitas mulheres africanas que em situações de vulnerabilidade são vistas pela sociedade como objetos, sexualizadas e a serviço dos homens. Esses aspectos aparecem claramente no decorrer de toda a obra, a autora deixa explicitado as críticas que faz em prol da vida das mulheres e essas não se limitam ao passado, mas também a preocupação com a vida dessas mulheres na sociedade atual.

Já encerrando a escrita do segundo capítulo do livro, Minosse aparece na voz do narrador angustiada sentindo a presença da sua morte se aproximando, uma das últimas preocupações da personagem antes de sua voz cessar é de como seria o destino dos seus filhos adotivos sem a sua presença ali. Ainda muito jovens, ela se preocupa se darão conta de sobreviver no mundo de forma digna, e se o mundo estaria preparado para os receber, se o governo iria proporcionar as condições necessárias para a garantia de uma boa vida com educação e leis justas. Mas o caminho para a marginalidade e da prostituição são possíveis realidades que atormentam-a, pois sabe que vive em um mundo onde a justiça não prevalece.

Os pensamentos tomam conta, imagina seus filhos crescendo em um mundo onde mais portas serão fechadas do que abertas, onde terão que lutar para sobreviver, em um mundo no qual indignados com as diferenças e injustiças vão querer vingar seus pais que foram assassinados. E isso fará deles pessoas maldosas. “A velha chora de desespero: os monstros serão o Mabuluco, o Mabebene e o Muzondi que eu criei. À minha Sara, minha pequena órfã, o mundo dará os apelidos mais incríveis: prostituta, bêbada, desavergonhada. Chamarão de desavergonhada a filha que eu cuidei” (Chiziane, 2023, p. 247).

Retomemos bell hooks (2014) para nos auxiliar acerca da preocupação de Minosse sobre o futuro de Sara, que nos apresenta às lutas das mulheres negras, conseguimos perceber que esses pensamentos de Minosse não se tratam de meros devaneios, eles surgem através do medo pois a personagem conhece as limitações do país que vive e também do pensamento colonial que se impregnou no território.

A visão estereotipada da mulher negra, do seu corpo, da sua intelectualidade são ainda muito disseminadas em diferentes países e bell hooks, ao abordar o feminismo negro, denuncia essas ideias quando comenta: “Uma vez vendo a televisão americana vinte e quatro

horas por dia por uma semana inteira aprende-se a forma na qual é percebida a mulher negra na sociedade americana – a imagem predominante é a da mulher “decadente”, a vaca, a puta, a prostituta”. (hooks, 2014, p. 39). Assim, como na obra a personagem Minosse se preocupa em como a sociedade vai tratar e chamar a sua menina, por causa dos estereótipos, os movimentos feministas decoloniais também se preocupam em lutar para desvincular essa imagem criada pelos homens brancos ocidentais sobre o corpo e as capacidades da mulher negra.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da análise da obra de Paulina Chiziane, percebe-se que o corpo da personagem Mínosse carrega inúmeras características e histórias que fizeram e ainda fazem parte da realidade de muitas mulheres moçambicanas. Mínosse em um primeiro momento é apresentada como uma mulher lobolada e submissa ao marido, vende seu corpo em troca de alimento para si e sua família, é mãe de dois filhos que morrem durante a guerra civil, Wusheni e Manuna, enviuvou, é uma sobrevivente da fome e da guerra, é obrigada a se tornar migrante, iniciando uma jornada em busca de um novo lar, é vítima da depressão causada pela tristeza, se torna mãe adotiva, é força, alento, esperança e amor para seus novos filhos.

Fica evidente em *Ventos do apocalipse* a relação entre as mulheres e aspectos das dificuldades enfrentadas por elas no cotidiano decorrente do forte tradicionalismo existente nas vilas rurais de Moçambique, como o tradicionalismo é algo que as afeta desde questões matrimoniais como sociais, tornando-as de certa forma uma propriedade do marido. A mulher moçambicana se depara com inúmeras barreiras para construir a sua própria identidade, crítica levantada pela autora no decorrer da sua escrita, pois nos dias atuais ainda é uma questão que está sendo enfrentada.

A obra nos faz refletir sobre a condição da mulher em período de guerra, não necessariamente apenas as mulheres que estavam participando como soldadas ou ajudantes na guerra civil de Moçambique, mas aquelas que ficaram em casa e cuidaram dos seus lares e famílias, que em meio a todo o caos político, econômico e climático que o país enfrentava, tentaram com todas as forças e fé - através da realização de rituais e rezas - protegerem a vida dos seus.

Portanto, a escrevivência presente na obra de Paulina Chiziane, é fundamental para contar a história dessas mulheres, tornando-as protagonistas das suas histórias. Vemos aqui a importância que a literatura africana carrega ao reafirmar essas vivências e realidades que por muito tempo foram silenciadas dos demais registros ou distorcidas em histórias disseminadas pelos europeus, tornando-se uma ferramenta fundamental para a construção de pensamentos decoloniais.

Este trabalho nos possibilita pensar a partir de seus diálogos a questão da mulher negra, como a luta pelos seus direitos e lugar digno na sociedade se estende para além de fronteiras entre países ou continentes. A luta feminista negra é interseccional e nos mostra o quanto é necessário compreender as diferentes formas de opressão sobre os corpos de mulheres negras, para aí então se fazer um movimento feminista que abrace-as de forma

efetiva, a descolonização do saber é necessário para que seja possível enxergar as verdades que ficaram as margens da história, tratadas como esquecidas ou normalizadas pelo pacto da branquitude.

Um dos principais objetivos desse trabalho era identificar como a escrevivência de Paulina Chiziane poderia contribuir para o protagonismo da mulher moçambicana e para uma perspectiva de libertação do povo moçambicano, pois aqui digo que tal objetivo pode ser alcançado, uma vez que no decorrer dos capítulos vimos o quanto a literatura se fez importante ao contar a história do povo de Mananga, trazendo os aspectos culturais e principalmente evidenciando a história de mulheres, proporcionando através da literatura possibilidades de identificação e libertação de paradigmas.

No capítulo dois da obra, Paulina Chiziane nos apresenta os movimentos de migração feitos pelos moradores de Mananga em busca da sobrevivência. As narrativas nos levam a percorrer o caminho da fuga junto com os migrantes, a dor, o medo e a violência no percurso que dura vinte e um dias e são apresentados de várias formas. Também ficam presentes os aspectos que em meio a todo esse processo e luta por sobrevivência nos fazem ver a mulher como provedora e mantenedora de vida, a maternidade, a união, os cuidados que elas oferecem ao seu povo os mantêm em pé.

É preciso estar atento aos movimentos que a literatura faz para que possamos nela encontrar aspectos históricos e aprofundar o conhecimento sobre o assunto abordado. Paulina Chiziane na obra literária nos conta a história de um povo com todas suas tradições, evidenciando o papel da mulher nos desdobramentos pela sobrevivência no período da guerra civil de Moçambique (1977 - 1992). O livro que se estruturou com base em relatos de mulheres sobreviventes da guerra nos oferece um caminho para se pensar essa história.

Conclui-se, assim, que o presente trabalho ao adentrar na análise da obra *Ventos do apocalipse* através de uma perspectiva histórica, consegue trazer aspectos além das linhas escritas, fazendo uma análise mais profunda sobre os traços de realidade apresentados na obra pela autora Paulina Chiziane. A força e importância da literatura africana escrita em especial por mulheres nos permitem enxergar a história das minorias e necessitam ser melhor conhecidos e trabalhados no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BAHULE, Cremildo. **"Não basta ser mulher para ser justa"** Resistência à marginalização de Paulina Chiziane fora do registro ficcional. Cadernos CERU, série 2, vol. 29, n. 1, julho de 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/148856>. Acesso em: 10 out, 2023.
- CASIMIRO, Isabel Maria. **Paz na Terra, Guerra em Casa**. Série Brasil & África: Coleção Pesquisas: Editora UFPE, 2014.
- CHIZIANE, Paulina. **Ventos do apocalipse**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29695/17236>. Acesso em: 05 nov, 2023.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHALHOUB, Sidney. **História, literatura e legados historiográficos: entrevista com Sidney Chalhoub**. [Entrevista concedida a] Claudia Engler Cury, Elio Chaves Flores, Regina Maria Rodrigues Behar. SAECULUM- Revista de História, João Pessoa, n. 20, p. 183- 201, jan./jun., 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11448/6561>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- CHINGORE, Tiago Tendai. **Empoderamento e equidade de gênero: os desafios atuais da mulher moçambicana**. Dialogia, São Paulo, n. 37, p. 1-19, e17392, jan./abr.2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n37.17592>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf. Acesso em: 02 set, 2023.
- COLLINS, Patricia Hill; **Pensamento feminista negro**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Revista Sociedade e Estado, Brasília, V.31, n.1 Jan./Abr. 2016 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>. Acesso em: 20 maio. 2024.
- CUCO, Arcênio Francisco. **FRELIMO: de um movimento revolucionário a partido político**. REVISTA NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses) Curitiba, v.2, n.2, p. 137-152, maio 2016.
- CUNHA, Teresa. **As memórias das guerras e as guerras de memórias. Mulheres, Moçambique e Timor Leste**. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 96 | 2012, publicado a 15 fevereiro 2013, Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/4825>. Acesso em: 18 abr, 2024.

SILVA, Teresa Maria da Cruz e. **Moçambique: um perfil.** Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/emancipa/gen/mozambique.html>. Acesso em: 18 abr, 2024.

DA SILVA, Michel Augusto Carvalho. **Oralidades e escritas nas literaturas africanas.** Revista Desenredos, Piauí, volume 25, agosto de 2016.

DIOGO, Rosália Estelita Gregório. **Paulina Chiziane: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino.** Scripta, v. 14, n. 27, p. 173-182, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4338/4485>. Acesso em: 20 mar. 2024.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Campos de guerra com mulher ao fundo: romance Ventos do Apocalipse.** literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/literafricas/literatura-cabo-verdiana-2/1680-maria-nazareth-soares-fonseca-campos-de-guerra-com-mulher-ao-fundo-romance-ventos-do-apocalipse>. Acesso em: 5 fev. 2024.

FONSECA, Michael. **Primeira mulher africana a receber o Prêmio Camões, Paulina Chiziane disse que língua portuguesa precisa ser “descolonizada”**, 08 maio. 2023. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/primeira-mulher-africana-a-receber-o-premio-camoes-paulina-chiziane-disse-que-lingua-portuguesa-precisa-ser-descolonizada/>. Acesso em: 18 nov.2023.

FRY, Peter. **O espírito santo contra o feitiço e os espíritos revoltados: “Civilização e Tradição” em Moçambique.** MANA 6(2):65-95, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/QwbsWpXbnjQ5tLj3ZH4BcDQ/>. Acesso em: 15 fev, 2024.

GASPARETTO, Vera Fátima. **O campo dos estudos de gênero em Moçambique/África.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 28(1): e68326 DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n168326. 2021.

GLORIA, Sousa. **Josina Machel: A combatente pela liberdade de Moçambique.** DW Made for minds. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/josina-machel-a-combatente-pela-liberdade-de-mo%C3%A7ambique/a-43022663>. Acesso em: 23 nov. 2023.

HAILER, Douglas Freitas e Marcelo. **Entrevista com Paulina Chiziane.** Publicado originalmente na Revista Bastião, em março de 2014. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2018/02/paulina-chiziane-ainda-nao-tivemos-tempo-para-uma-conversa-um-pouco-mais-aberta-sobre-a-nossa-propria-identidade/>. Acesso em 20 dez, 2023.

HOOKS, Bell. **Ain't I a Woman: Black Women and Feminism.** 1ª edição 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, v. 3 n. 2, pp.464 - 478. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 02 dez, 2023.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília. 2015, pp. 193-210. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acesso em: 9 fev. 2024.

JÚNIOR, Durval Muniz Albuquerque. **O tecelão dos tempos (novos ensaios de teoria da história)**. 1ª ed. São Paulo: Intermeios, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. **Dicionário de história da África: séculos VII A XVI**. 1 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017.

MALANDRINO, Brígida Carla. **Os mortos estão vivos: A influência dos defuntos na vida familiar segundo a tradição Bantú**. *Último Andar*, n.19, p. 40–51. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13305>. Acesso em: 12 mar, 2024.

MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje**. Epistemologias do sul, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), pp.12-32. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>. Acesso em: 18 dez, 2023.

MORAIS, Maria Perla Araújo. **As autoridades tradicionais e a guerra civil moçambicana em Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane**. Revista Mulemba / Revista do Setor de Letras Africanas de Língua Portuguesa - Departamento de Letras Vernáculas. Rio de Janeiro. Volume 14, número 2, jul-dez 2016, p.111-126. ISSN 2176-381X. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2016.v8n15a5337>. Acesso em: 20 mar, 2024.

ORGANIZAÇÃO DA MULHER MOÇAMBICANA (Moçambique). **Mulher Moçambicana**. Maputo: Movimento Editora, 1968. Disponível em: https://www.mozambiquehistory.net/organisations/omm/mulher_mocambicana/19860600_mulher_mocambicana_2.pdf. Acesso em: 20 mar, 2024.

PATRÍCIO, Gonçalves. **MOÇAMBIQUE: compulsando as migrações internas e internacionais**. InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, v. 2, n. 5, p. 78–101, 26 Ago 2016. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/5266>. Acesso em: 21 abr, 2024.

PAULINA CHIZIANE (1955). **Biografias de Mulheres Africanas**. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/paulina-chiziane-1955/>. Disponível em: 20 out, 2023.

PINHO, Osmundo. **Descolonizando o feminismo em Moçambique**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 3, 2012, pp.955- 972.

PINHO, Osmundo. **O Destino das Mulheres e de sua Carne: regulação de gênero e o Estado em Moçambique**. Cadernos Pagu (45), julho-dezembro de 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284273867_O_Destino_das_Mulheres_e_de_sua_Carne_regulacao_de_genero_e_o_Estado_em_Mocambique. Acesso em: 14 fev. 2024.

PORTAL DO GOVERNO DE MOÇAMBIQUE. **História de Moçambique**. Disponível em: <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique>. Acesso em: 20 fev, 2024.

REMÉDIOS, José Maria. Paulina Chiziane: “**Não volto a escrever. Basta!**”. Portal Geledés. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-nao-volto-escrever-basta/>. Acesso em: 20 nov, 2023.

RIBEIRO Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RODRIGUES, Cristina Udelsmann. **Migração, movimento e urbanização em Angola e Moçambique**. Desafios para Moçambique, 2018.

SANCHEZ. Marcelo Hailer. **Tambores Da Revolução: Moçambique, colonialismo e independência a partir da obra de Paulina Chiziane**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC - SP. São Paulo, p. 134. 2019.

SANTANA, Jacimara Souza. **Mulheres de Moçambique na revista Tempo: o debate sobre o lobolo (casamento)**. Revista de História, 1, 2, pp. 82-98. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/26684>. Acesso em: 10 nov, 2023.

SANTOS, Tiago Ribeiro dos. **Entre tralhas e traumas de guerra: O gesto testemunhal da escritora Paulina Chiziane**. Tese (Doutorado em Literatura) - Programa de PósGraduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 147. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/158385/337005.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 agos, 2023.

SANTOS, Tiago Ribeiro dos. **Guerras, mulheres e memórias: entrevista com a escritora Paulina Chiziane**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.26, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/45904/37107>. Acesso em: 05. set, 2023.

SANTOS, Waldelange Silva dos. **Significações culturais: Tematização e figurativização em ventos do apocalipse, de Paulina Chiziane**. Significações culturais, SEDUC-PE, vol. 28 – N° 2 , p. 20- 33, 2023.

SILVA, Adriana Ferreira. **Por um feminino africano**. Quatro cinco um, 28, jul 2022. Edição 60. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/entrevistas/literatura/por-um-feminino-africano/>. Acesso em: 21 jul, 2024.

TÉ, Paulo Anós. **A violência política colonial na África: um diálogo entre Mahmood Mamdani e Frantz Fanon**. Aedos, v. 14, n. 31, p. 45-60, jul.–dez, 2022.

TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. **Narrativas da moçambicanidade: os romances de**

Paulina Chiziane e Mia Couto e a reconfiguração da identidade nacional. Tese de doutorado (História), Universidade de Brasília, 2008. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/3339/1/2008_MariadoCarmoFTedesco.pdf. Acesso em: 03 fev, 2024.

vídeos

MOZPOD, os muitos maus. **Paulina Chiziane | Escritora | Pioneirismo Literário e Lutas Sociais | T1 Ep 26.** YouTube, 08 ago, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jd6TmY6gM3g>. Acesso em: 02 set, 2023.

CAFÉ FILOSÓFICO UFRN. **Paulina Chiziane - Oralidade e ancestralidade.** YouTube, 24 jan, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WiLijX_7dDk. Acesso em: 02 set, 2023.